1922 - 1
N. 01

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE LETRAS

ANO: 1922 – ANO: I - Nº 1

Revista do Centro Mattogrossense de Letras

ANNO I Publicação semestral NUMERO I

CUIABA' — JANEIRO — 1922

SUMMARIO

A Revista—*C. P.*=O Centro Matto-Grossense de Letras—*D. Aquino Corrêa.*=Poesias recitadas na sessão inaugural do Cento.=Historia literaria e scientifica—*V. Corrêa Filho.*=Estellionato—*J. Terra*—*Cesario Prado.*= Dante—*Manuel Xavier.*=Actas das sessões preparatorias. =Acta da sessão inaugural.=Estatutos do Centro Matto-Grossense de Letras. = Bibliographia = Relação dos socios.

CUIABÁ
TYP. J. PEREIRA LEITE
1922

A REVISTA

REVISTAS são o grande vehiculo das idéas grandes em literatura, em arte, em sciencia, disse-o José Verissimo.

Esta revista será o vehiculo das nossas idéas. Si estas são ou não grandiosas, o leitor podel-o-á julgar pelo texto dos nossos estatutos. Orgão do Centro Matto-Grossense de Letras, a revista tem definido o seu programma no programma do proprio Centro. Alem de esforços para a intensificação da cultura literaria, em geral, e, da cultura das letras nacionaes, em particular, o Centro envidará empenho para o estudo das nossas variantes dialectaes. Só este escopo será bastante para engrandecer as nossas idéas, si já o não fôr o do combate ao analphabetismo, que reclama o concurso de todas as intelligencias banhadas nas aguas lustraes do alphabeto.

Mas, lá fora, Matto-Grosso é apenas "uma expressão geographica" para os que estão ainda nas faixas do A B C. Para taes espiritos esta Revista será uma revelação. Revelação de que aqui se pensa, aqui se lê, aqui se escreve alguma coisa. Pouco assumpto, alem da materia

consistente da phase inicial do Centro, contem o presente numero, por isso que, na fundação deste gremio, mais do que no trabalho da Revista, andou toda a nossa diligencia. O nosso elenco proporciona theses para maior tomo e mais variedade. Tudo está ainda por ser feito: o elogio dos vultos da nossa galeria civica, a publicação de ineditos de valor de conterraneos desapparecidos, o estudo do nosso folk-lore, *tudo ou quasi tudo, emfim. Maior diligencia pois, e estaremos realizando o objectivo que nos traçamos, não obstante quantos factores possam advir, que, desviando-nos da traça começada, possam. apparentemente, diminuir a nossa diligencia.*

C. P.

O CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

Discurso proferido na sessão inaugural do Centro pelo seu Presidente de honra Dom Aquino Corrêa.

EXMAS. SENHORAS E SENHORES,
ILLUSTRES CONFRADES.

AGRACIADO pela gentileza dos proceres da nossa cultura litteraria, com o pergaminho de Presidente de honra do Centro Matto-grossense de Lettras, que hoje se installa e convidado a presidir-lhe a solennidade festiva desta primeira sessão magna, sobrestive, a principio, hesitante sobre si a este rito inaugural conviesse apenas a leve chlamyde grega do culto ás lettras, ou si tambem a veneravel toga da magistratura suprema do Estado, da qual, immerecidamente embora, acha-se investido quem se preza de falar-vos neste momento.

Decidi-me pelo segundo alvitre, ao pensar, como penso, que o Governo do Estado não possa quedar-se indifferente ao notavel phenomeno luminoso, que se vem produzindo na esphera sideral da intellectualidade matto-grossense, e porque tambem, deixae que vol-o diga, a delicadeza do vosso gesto, em me surprehendendo assim no occaso do quadriennio presidencial, teve para mim a sensação de uma caricia, um encanto novo, um quê suavissimo dessas flores, mimosas flores tropicaes, verdadeiras maravilhas, como lhes chamam, as quaes, ao revés das outras que se desfazem no riso de mil côres e volatilizam-se no incenso de mil aromas ao sol nascente, preferem abrochar então as lindas petalas embalsamadas, para depois, ao sol posto, reabril-as em um como olhar de ternura, em um como sorriso de paz, em uma como palavra perfumosa de carinho, a enflorar generosamente a solitaria agonia do astro moribundo.

Trago-vos tambem desassombradamente ao santuario da arte, a sagrada tunica do pontificado catholico, porquanto, em que pese ao rigorismo critico de Brunetière, tão fulgurante, aliás, em suas avançadas dialecticas, a arte, com sêr a manifestação do bello ideal atravez do deleite grosseiro dos sentidos, não é, nem pode sêr, de si mesma, immoral, como o não é o prazer sensivel regulado pela razão. Mas, muito pelo contrario, a verdadeira arte é um sorriso de Deus, e onde quer que floresça o bello, ahi esplende ineffavelmente a divindade.

Venho, pois, a vós com toda a minha alma, como queria e dizia que fizessemos nos adejos para o ideal, aquelle grande mestre que foi Platão, o alcandorado philosopho amigo das oliveiras e plátanos pensativos dos jardins de Academo, typo historico das academias e instituições consimiles, das ques a nossa, na penumbra da sua modestia, é uma pallida miniatura.

Venho a vós com a minha alma de confrade, para agradecer-vos, commovido, a honra que vai para mim nessa aclamação partida de uma assembléa dos optimates das nossas lettras; venho a vós, com a minha alma de mattogrossense, para trazer-vos, no caracter de Presidente do Estado, as palmas e lauréis, que vos decreta o Governo; venho a vós, emfim, com a minha alma de bispo para, na humildade do meu sacerdocio, implorar a bençam olympica do azul sobre a novel instituição em flor, repetindo-vos, como, outr'ora, entre os idillios pastoraes da Arcadia, as candidas musas de Theocrito e Virgilio: *Ab Jove principium!* Comecemos com Deus!

Pulchritudinis studium habentes (Eccli. 44, 6)

E é por entre as mais vivas emoções, mixto de patriotismo e de arte, que, neste festival commemorativo da Independencia Nacional, aqui sentados á sombra da arvore symbolica da nossa liberdade, que precisamente hoje entra na phase majestosa dos vegetaes centenarios, venho declarar, como declaro, officialmente installado o Centro Mat-

togrossense de Lettras, esboçando-vos ao mesmo tempo, em largas pinceladas, o que penso e espero do seu auspicioso programma de acção.

E pondo-vos, desde logo, sob os olhos, como em synthese graphica, este pensamento, dir-vos-ei que, si me fôra commettido a cargo projectar o escudo de armas ou antes o *ex-libris* do novo instituto academico, dar-lhe-ia por unico brazão um dos symbolos heraldicos da belleza, uma rosa, por exemplo, inscrevendo-lhe em torno esta legenda sagrada: *Pulchritudinis studium habentes*: Os estudiosos da belleza.

Tal é o mimoso verseto, que entoado ha 22 seculos, na harpa solitaria de um daquelles vates de Sião, pensadores e moralistas, lá naquelle rincão pequenino da terra promettida, Chanaã dos rios de leite e mel e das rosas que não morrem, vem echoando, de geração em geração, nas paginas da Biblia, como um dos mais altos elogios aos varões gloriosos que illustraram as primeiras idades do mundo! Preoccupavam-se, diz o livro santo, com o estudo da belleza em toda a sua irradiação moral e artistica: *Laudemus viros gloriosos ... pulchritudinis studium habentes.*

Nem vos pareça extranho, Srs., tente eu resumir no culto do bello, toda a grandeza do ideal que nos congrega, nesta communhão synergica de pensamentos e affectos.

Rezam-n'o claramente os Estatutos do Centro. Proclama-o bem alto o proprio titulo da associação.

As lettras, em cujo nome aqui nos reunimos, qual outr'ora, ao sopé do Parnaso, aquelles poetas do luminoso quadro de Raphael, não são outras que as bellas lettras, isto é, aquellas que mais de perto entendem nas manifestações estheticas do bello, nem outro é o espirito que nos bafeja, sinão aquelle mesmo ideal de hellenica belleza que anima a tela do grande Urbinate.

Dir-vos-ei, portanto, das bellas-lettras ou do bello nas lettras, procurando, acima de tudo, pôr em relevo o caracter distinctivo do Centro Mattogrossense de Lettras, a sua differença especifica, si é licito usarmos aqui a terminologia classica de Aristoteles, ou seja aquillo em que deva elle differençar-se dos seus congeneres, no culto belletristico da fórma e da materia.

O bello

Entrando a falar-vos de tão sympathico thema, volta-se-me instinctivamente o espirito para os doces e estudiosos annos vividos em Roma, eterna escola do bello, onde tudo vibra musicalmente em sensações estheticas, desde a formosura divina dos seus Apollos até os marmores modernos e velludosos de Canova, desde as creações vivas e suaves de Raphael até o mysticismo dourado e vaporoso de Fra Angelico, desde as veneraveis e graves harmonias de Palestrina até as leves canções populares que revôam nas primeiras brizas da primavera, tudo, emfim, desde a solitaria columna das ruinas, recortando os seus acanthos corynthios no céu azul das sete collinas, até a gloriosa e estupenda cupola de Miguelangelo, a pairar, como vasta corôa triumphal, sobre toda aquella belleza antiga renascente alli, sob as bençams munificas do Papado.

Lembra-me o vetusto casarão da Universidade Gregoriana, por onde, no fundo severo dos silhares de travertino, esvoaçam, em gaia polychromia, os uniformes de 1.500 estudantes de todas as nacionalidades, resaltando pittorescamente a roupeta escarlate dos academicos allemães.

Um velho jesuita lê da cathedra a philosophia do Doutor Angelico. Ao iniciar as poeticas theses do bello, cita uma pagina de Platão, no seu livro conhecido pelo nome de Hippias Maior. Socrates e Hippias dialogam philosophicamente sobre as theorias do bello, quando eis que o primeiro esbarra o discurso nesta conclusão inesperada: "Tanto aproveitou-me, ó Hippias, a nossa discussão, que cheguei a comprehender, como diz o proverbio, que as coisas bellas são difficeis".

E' o que vos eu tambem direi: difficeis de realizar e mais difficeis ainda de analysar scientificamente, maxime em serão, como este, tão cantante de musicas e lettras, onde, por certo, destoariam abstrusas subtilezas metaphysicas.

Não tentemos siquer penetrar a essencia do bello, nem rebuscar-lhe as proteiformes definições, dentre as quaes emerge a de S. Thomaz de Aquino, no costumado ful-

gor da sua profunda simplicidade philosophica. O bello, define elle, é aquillo em cuja percepção deleita-se o espirito: *pulchra dicuntur quae visa placent.*

Deixando assim á margem a philosophia do bello, tão rica, aliás, de transcendental poesia, contemplemol-o apenas atravez do prisma litterario, unico que, nesta hora, aqui nos occupa e interessa.

A belleza da fórma

Assim como, Srs., á luz da critica, distinguem-se, na obra litteraria, duas entidades, a fórma e a materia ou fundo, assim tambem resplandecem nella duas bellezas: a belleza da fórma e a belleza da materia. Cultival-as ambas, eis a missão do Centro Mattogrossense de Lettras.

A belleza da fórma teve, como sabeis, a sua ultima palavra nessa escola parnasiana da segunda metade do seculo findo, que, prestigiada por dois grandes insulanos dos tropicos, Leconte e Heredia, domina hoje, em bôa hora, toda a litteratura nacional.

Não falo, entretanto, do parnasianismo na accepção estrictamente historica que lhe cabe, de corrente poetica, mas num significado mais amplo que possa abranger tambem a prosa, qual se impõe em tertulia como esta, onde brilham conjunctamente prosadores e poetas.

Nem falo, está claro, desse parnasianismo decadente, já fulminado por Euclydes da Cunha como a "idiotice do culto fetichista da fórma".

O parnasianismo, tal qual aqui o entendemos, nada mais significa sinão a escola litteraria, cujo supremo ideal é a perfeição da fórma. Tudo o mais é ahi secundario ou mesmo extravagante.

Neste sentido é que elle foi incontestavelmente uma reacção salutar e fecunda contra as inspirações sinceras e fortes, mas, não raro, descabelladas e revoltas do romantismo.

Excederia, entretanto, os ambitos de um discurso inaugural, o muito que fôra para tratado sobre thema tão primoroso, quão vibrante de actualidade e interesse.

O estudo do vernaculo

Frizemos apenas o seu postulado maximo: o cultivo do vernaculo.

Vai nisto, aliás, salvo melhor juizo, a sua feição mais pratica e util, a causa primeira dos seus triumphos.

Versos limpidos e cantantes, rimas claras e opulentas, estrophes impeccaveis como amphoras de Athenas, imagens plasticas e esplendorosas, tudo isto iria parar em aspiração ou sonho chimerico, sem a pureza, a correcção, a elegancia da linguagem.

A lingua para o parnasiano, é o marmore para o artista: não cava sinão nas pedreiras illuminadas e classicas do Pentelico, de Paros ou Carrara, o que ha de mais puro e fino, a pedra que melhor se lhe amolde ao sopro vital da inspiração e do genio.

A lingua é para elle o que eram pergaminhos caros e tintas de ouro e de minio para os mestres illuminadores dos manuscriptos de antanho, o que eram metaes e pedras preciosas para um ourives florentino dos seculos medievos.

Já ouvistes, por certo, daquella celebre sociedade academica, tão em flor antigamente na Italia, *Accademia della Crusca* ou Academia do Farelo, como se baptizára ella propria com nome symbolico, adoptando, ademais, por armas uma peneira e por divisa estas palavras: *il piú bel fior ne coglie:* colhe a fina flor da farinha. A allegoria é transparente e expressiva.

Nascêra ella, a Academia, da necessidade e desejo de expurgar sempre mais de farelos e impurezas a flor do patrio idioma, o que conseguiu principalmente com a publicação do seu grande diccionario, tido e havido por modelo no genero.

Que nobre e patriotica tarefa para o Centro!

Sêr paladino da pureza virginal da lingua materna! Qnem lhe déra, antes de tudo, poder bradar efficazmente com o poeta:

Abram-se as fontes gregas e latinas!

fazendo reflorir entre nós a cultura classica, especialmente do latim que, relegado, aos poucos, para o cadoz das antigalhas, vai collocando em aperturas as modernas gerações de intellectuaes, tão necessario é elle ao trato intimo com as lettras em sua varia modalidade.

O moderno senso pratico e utilitario que expungiu, quasi por completo, dos programmas de ensino o idioma do Lacio, deveria, para sêr coherente, eliminar tambem outras disciplinas com elle intimamente ligadas, entre as quaes o proprio estudo philologico dessa maviosa lingua que tornou caro a Venus o povo lusitano, porque nella

quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

Seja, pois, aspiração primordial do Centro, o esmero da linguagem, sem o que não ha, nem pode haver belleza litteraria. Estudemos carinhosamente o vernaculo, na licção assidua dos modelos, collecionando pacientemente, a bico de penna, as suas flores, conscios de que escrever é como lêr duas vezes: *qui scribit bis legit.*

Um grande exemplo

Mais forte, porém, do que as palavras, fale-nos um grande exemplo.

Um só, mas que vale por todos, porque delle poder-se-ia dizer o que de Platão já pensava Cicero: *Plato mihi instar omnium.*

Vivo ainda, já é uma reliquia da grandeza intellectual do seu povo. E' uma gloria nacional, sobre cuja individualidade de politico, estadista e diplomata, muitas armas se hão terçado pró e contra. Si é questão, porém, do seu genio litterario, não ha duas opiniões, mas todas as vozes afinam-se no mesmo lausperenne de admiração e de culto.

Ocioso declinar-vos um nome que já todos adivinhastes. Elle proprio, algures, si me não falha a memoria, referindo-se ao valor litterario de Camillo Castello Branco, affirmava que para bem escrever o portuguez, basta lêr Camillo, Camillo e Camillo.

Com legitimo orgulho de raça, bem poderiamos paraphraseal-o, dizendo que para aprofundar as bellezas do patrio idioma, baste lêr Ruy, Ruy e Ruy, o qual, sobre não ficar somenos a Camillo na vernaculidade e robustez do estylo, leva-lhe a grande vantagem de não tratar assumptos escabrosos para o melindre das almas delicadas.

Classico sem ser archaico, moderno sem barbarismos, verdadeiro parnasiano da prosa, Ruy tem o condão de refundir continuamente a lingua em novos moldes de belleza viva, ao calor do seu portentoso temperamento litterario.

O seu não é um classicismo exhumado. Não é a lingua semimorta dos archaizantes.

Não é, tão pouco, a joven dama das madeixas brancas, a que allude Bilac em relação ao estylo de Gonçalves Dias. O de Ruy poder-se-ia combarar a descendente de regia estirpe que trouxesse ainda, na frescura virginal da juventude, a majestade ancestral dos nobres lineamentos.

Penna vivaz e militante, sabe elle dar ao vasto pensamento contemporaneo a sua mais formosa expressão litteraria, vasando, a cada passo, em verdadeiras obras-primas de elocução, a pureza dos primeiros seculos da lingua, o esmalte fresco da sua evolução quotidiana e o luxo dessa natureza magnifica, onde, ao sol glorioso dos tropicos, rendilhou-se-lhe o berço entre o sertão e o mar.

Não é, entretanto, como mestre da lingua, sinão como seu apaixonado e genial cultor, que o venerando brazileiro surge hoje, laureado, no areopago das nossas lettras.

Lêde-o em toda a sua opulenta producção oratoria, dos grandiosos proscenios internacionaes aos róstros batidos pela vaga das commoções populares; desde a tribuna austéra do Senado, a pregar sobre as ondas daquelles cabellos brancos da Patria, até o salão estrellado de olhos de creanças, no Collegio Anchieta; lêde-o em suas razões juridicas e philosophicas, em suas versões, em seus trabalhos didacticos, em seus estudos linguisticos, em seu mimoso epistolario, lêde-o, afinal, em seus mais minimos escriptos, e a cada pagina, sentireis que a preoccupação com os primores do vernaculo parece sobrelevar a todas as demais,

transfigurando incessantemente o seu verbo, na revelação constante de novos segredos de elegancia castiça, que brotam, scintillando como joias antigas, do seu inexgotavel escrinio litterario.

Não formúla phrase em que não deixe ennastrada a flor de um carinho quasi filial em aformosear a lingua materna.

Longe de esmorecer, dir-se-ia que este culto se acrysole e cresça com o crescer dos annos, que, aliás, já lhe declinam fatalmente para a ultima velhice.

Haja vista o seu recente discurso paranymphal aos bacharelandos da Faculdade de Direito de S. Paulo, documento de classico dizer, onde as coisas mais chãs que paternalmente aconselha aos moços, transformam-se em ouro de lei ao toque maravilhoso da pedra philosophal do seu extraordinario talento.

Permitta-se-me, emfim, cerrar esta pagina, na intimidade de uma reminiscencia pessoal.

Tive a satisfacção de visitar-lhe um dia a bibliotheca, a famosa bibliotheca de Ruy Barbosa. O meu espirito que viera de perlustrar insignes monumentos da antiguidade, não deixou, nem por isso, de vibrar em profunda emoção ao penetrar a colmeia serena daquella poderosa e infatigavel cerebração patricia. Salões magnificos. Estantes luxuosas. Um mundo de preciosidades bibliographicas. Nada me deteve. Fui direito á escrevaninha em que trabalha o velho artista da palavra.

Lá estavam a um lado, muito á mão, os dois tomos do diccionario de Candido de Figueiredo. Não resisto ao prazer curioso de folheal-os indiscretamente. Contrastando no meio de tantos livros que pareciam novos em folha, o vocabulario denunciava intenso manuseio, todo apostillado, á margem, de innumeras variantes.

Quando sahi, levava na mente mais um exemplo e no coração o vivo desejo de propol-o opportunamente aos lettrados da minha terra. E' o que ora faço em occasião que não podéra sêr mais bella nem mais solenne. Imitemos, Srs. confrades, o grande estudioso da formosura do vernaculo. *Pulchritudinis studium habentes.*

A belleza da materia

Chegados a este ponto da nossa despretenciosa palestra, bem quizéra eu pôr na pallidez desta prosa ensoada, as harmonias e as côres ardentes da natureza mattogrossense, o matiz bizarro das plumas das nossas aves e das petalas das nossas flores, o cantico das cachoeiras na serra, e a matinada alegre dos passaros à beira dos pantanaes, toda essa zoophonia selvagem que encantava a sensibilidade artistica de Hercules Florence, todo esse vivo colorido local que, em suas longas jornadas immortaes atravez da nossa terra, esmaltou a phantasia do Visconde de Taunay, não só nas paginas romanticas de Innocencia, mas até na simplicidade attica das suas narrativas historicas.

E' que, Srs., devendo discorrer sobre a belleza da materia nas producções litterarias, de outras bellezas não sei que tanto mereçam o nosso estudo e carinho, como as bellezas da nossa terra.

Nisto é que o Centro deve mostrar-se verdadeiramente mattogrossense. Lançar as bases da litteratura regional, eis a grande finalidade que deve de imprimir cunho caracteristico ao programma da sua actividade.

Bellezas da terra natal

Ahi jaz a nossa terra, qual a Marabá das tabas, aguardando ainda no esplendor primitivo da sua belleza, o osculo resplandescente da poesia e da arte, com que os seus filhos a sagrem definitivamente para a gloria.

Alongae os olhos para o seu passado geognostico, reconstruido pela sciencia no chaos das remotas eras cosmicas. Imaginae esse velho oceano a beijar um dia os flancos virgens da serra mattogrossense, que ainda guarda a erosão de beijos que devoram, oceano, ainda agora, denunciado por ahi, nas aguas infinitas dos Xaraiés, nas gran-

des salinas, nas conchas das alturas, nesses paredões de arenito, que Martius regista, ilhas de outr'ora, ainda hoje insulados no planalto, onde a vaga do mar prehistorico parece têr-se perpetuado nas ondulantes frondes verdes dos buritizaes bravios.

Que belleza! que poesia!

Esflorae, de leve, os capitulos da sua historia.

Desdobrae-lhe a primeira pagina, que exhala ainda o perfume das chronicas primévas. Ouve-se a marcha triumphal dos conquistadores. E' o cyclo das bandeiras. E' a cavallaria andante do sertão. E' a sagrada serra dos Martyrios feita o São Graal dos rudes cavalleiros bandeirantes, que vêm de longes terras em conquista de ouro e pedrarias.

Eil-as, mais tarde, as figuras heraldicas dos Capitães-Generaes, a povoarem de castellos medievaes os valles do Guaporé e do Paraguay, illuminado este ultimo pelo heroismo de Ricardo Franco nos baluartes de Coimbra duas vezes gloriosa.

E quem poderá enfeixar em breves palavras toda essa epopéa, ou melhor, todo esse vasto encadeamento de epopéas rutilantes, que se chama a campanha paraguaya? Matto Grosso foi então a mais heroica victima nacional, e a seus pés, por fim, veio expirar tragicamente a guerra na ultima golfada sanguinolenta de Lopes á beira do Aquidabã.

Coimbra, Corumbá, Dourados, o Sará, o Alegre, Melgaço, a retirada da Luguna, a odysséa incomparavel de Mello, o bravo, são outros tantos episodios homericos que só aguardam o signal da trombeta angelica do genio, para reviverem na resurreição gloriosa do futuro e da immortalidade.

Que belleza! que poesia!

Contemplae a sua natureza, esta natureza que nos sorri ainda na eclosão virginal de belleza tão encantadora, que nem o scientista mais frio pode estudal-a, sem arre-

batar-se insensivelmente da atmosphera serena da observação, para ess'outra onde revôam sonoramente as phantasias e os sonhos do poeta.

Vêde Silva Pontes extasiado ante os sitios grotescos, de onde, por entre paysagens amenas, defluem as cabeceiras do Guaporé, "que só falta, pondera o sisudo astronomo, sêr povoado por homens, para merecer os encomios poeticos de habitações de nymphas, tal a sua frescura, o frondoso assento das altas arvores que cobrem com seus ramos essa copiosa corrente que já nasce grande."

Vêde Hercules Florence, em sua aspera derrota fluvial para Santarém, esquecer as agruras da viagem no recesso encantado da matta do Rio Preto. "Admira-se, diz elle, estremece-se, sem presentir, esta infinda variedade de antigos madeiros, de palmeiras, lianas e gigantescas plantas, cujas folhas attingem o tamanho de um homem."

Vêde João Severiano da Fonseca, cujo livro todo se recama de tão mimosa poesia local, que o proprio Euclydes da Cunha não desdenhou transladal-a para o bronze monumental dos seus "Sertões".

Não falemos em Taunay, a maior alma de artista que jamais se poz em contacto com a natureza mattogrossense, onde tudo o enlevava, desde o subsolo coalhado de ouro e diamantes, até o firmamento azul tão rico de sol, de estrellas e de luares. Quanta belleza! quanta poesia!

Pesquizae, emfim, as nossas lindas tradições populares. Que de riquezas ineditas! Tome-se uma ao acaso: os noivados á beira rio. Bem os conheceis muitos de vós: é uma flotilha de canôas. A' frente, todo empavezado de flores do matto, vai o batel dos noivos: tres canôas amarradas, onde bracejam, em pé, robustos remadores. No cabo longo dos remos, bem na ponta, fluctuam garridamente ao vento da tarde, as côres alacres dos lenços de alcobaça.

Espoucam, de quando em quando, tiros e foguetes, que em meio ao vivorio alegre do cortejo, repercutem amplamente, barrancas afóra, por toda a redondeza do estirão solitario.

Vão receber a bençam do céu, na igreja da freguezia.

Vão e voltam cantando. Na volta, já o silencio do crepusculo baixou sobre a natureza ambiente, e, ao longe, os echos repetem claramente o estribilho nostalgico:

Adeus, minha mãe
Do meu coração!

E' a canção tradicional dos esposos em despedida aos carinhos maternos.

Vão remando. Vão cantando. E a barcarola sobe, num tremolo saudoso, até as estrellas commovidas. A lua, qual si fôra, no céu, phantastica laranjeira toda florida, desfolha agora, á passagem da flotilha nupcial sobre a agua célere do rio, uma deslumbrante illusão de petalas de prata.

Chegam. A passarada ribeirinha alvoroça-se nos ninhos e, além, na matta proxima, as aranquãs bravas preludiam a conhecida onomatopéa epithalamica do seu canto, que vae romper festivamente na crastina madrugada.

Que belleza! que poesia!

Lettras e moral

Impossivel, Srs., borboletear siquer á flor de tantas flores!

Alonguei-me demasiado, e urge terminar, não obstante o muito que restára ainda para dizer-vos da belleza moral nas lettras, o que se prende, como sabeis, ao celebre debate sobre as affinidades da arte com a moral.

Sinto-me, entretanto, forrado a isso, uma vez que o principal escopo da nossa aggremiação, foi justamente elevar a litteratura indigena, moralizando-a numa orientação firme e radiosa para os mais nobres destinos.

Si a par do senso esthetico e a elle harmonicamente vinculado, não coexistisse no homem o senso moral, ou si o bello falasse exclusivamente á intelligencia, sem nada solicitar a vontade e o desejo, então, Srs., não haveria ne-

gar que o campo da arte fosse, de todo em todo, alheio ao da moral, porque onde não entra a vontade, é principio fundamental de ethica, não se concebe o moral nem o immoral.

Mas acontece evidentemente o contrario, e, portanto, a arte, por mal nosso, é capaz de offender, como offende, por vezes, a moral, perdendo, em tal caso, a propria essencia, porque rompe nos espiritos bem formados, esse prazer harmonioso de todas as faculdades da alma, que ella, por natureza e definição, deve produzir.

Bem inspirado nestes principios, o Centro Mattogrossense de Lettras se propõe a fazer uma litteratura que não só respeite a moral, mas a edifique, exalte e sublime.

Nosso fim é cultivar as bellas-lettras, que tão suggestivamente são tambem chamadas bôas lettras.

Não queremos a litteratura das pornographias, que desvirginam a pureza dos sentimentos e affrouxam a integridade dos caracteres, desencadeando, a miude, sobre a familia e a sociedade, os mais tremendos infortunios.

O divo poeta, o sexto centenario de cuja morte festeja-se este anno, em todos os paizes cultos, Dante Alighieri estigmatizou admiravelmente, com ferro em braza, num simples decasyllabo do seu Inferno, todo o mal das litteraturas passionaes e corruptoras.

Narrando a immensa e tragica desgraça de Francisca de Rimini, a rosa pallida do inferno dantesco, no dizer de Castro Alves, põe elle na bocca da infeliz que se perdêra em leitura de amores, este verso que estronda, como um anathema, nos circulos da cidade eterna da dôr:

Galeotto fu il libro e chi lo scrisse.

E' como se dissesse: para essa ruina extrema, em que a vêdes, não foi precisa a mediação de Galeoto, o alcaiote classico do seu predilecto romance de capa e espada, pois o Galeoto que a lançou na infinita miseria, outro não foi senão o proprio livro e o seu auctor.

O pessimismo

Viria aqui tambem de molde apontar-vos um mal fundamente inoculado outr'ora em nossa litteratura,e nella ainda hoje, mais ou menos, latente: refiro-me ao pessimismo, que foi, como se sabe, uma infiltração do romantismo, e uma das tendencias desta escola, que mais provocaram a reacção parnasiana.

O pessimismo é a tristeza sem esperança. O mal não é a tristeza, sinão sim o desespero, que, afinal, todo o coração de poeta traz dentro em si a nostalgia do infinito,como a concha, que arrebatada ao mar,guarda para sempre em suas valvas de nacar, a harmonia saudosa das grandes aguas distantes.

Alma de poeta será sempre como a pallida Mignon a suspirar pela patria, não pela patria dos laranjaes em flor, mas onde vice e esplenda a arvore eterna da vida.

Evocae a tela classica de Poussin: Os Pastores da Arcadia.

Sob o céu diaphano da Grecia, em paysagem tranquilla da terra das bucolicas, um casal de pegureiros, na flor das primaveras e das illusões, estaca ao pé de um tumulo abandonado. Outro zagal, já entrado em annos, raspa com o dedo a louza funebre, e vai delettrando esta melancholica inscripção: *Et in Arcadia ego* ...

Tambem eu na Arcadia fui pastor, tambem eu amei e fui feliz... Os jovens consortes entreolham-se mudamente e a pastora fita no chão os olhos pensativos, onde se adivinha a sua primeira lagrima de esposa.

Quanta emoção! quanta poesia! Mas tambem quanta tristeza!

E' o desfallecimento da alma humana, ao defrontar, coroada de rosas, o mysterio solenne da tumba.

Falta ahi, sobredourando o quadro, um raio de esperança, para que o espirito, conscio da sua immortalidade, libre-se gloriosamente acima dos escombros da materia, nas azas dessa poesia mysteriosa do além-mundo.

A tristeza tem o effeito artistico da sombra, mas para isto, ha mister combinada luminosamente com a esperança.

A Esperança

Seja ella, pois, a Esperança, a decima musa do nosso Parnaso.

Paiz novo, estado novissimo, vivemos de esperanças.

A nossa bandeira é o estandarte que encerra "as promessas divinas da esperança", é o "lindo pendão da esperança", na phrase de Bilac, o ardente bardo que, anhelando talvez escoimar de lyrismos lubricos a cithara de ouro, transfigurou-se para morrer, em um como Tyrteu brazileiro a cantar a cruzada do resurgimento nacional, qual outr'ora Byron tambem sonhára a redempção de todo um passado bohemio, com expôr a propria vida em holocausto pela libertação da Hellade classica.

Façamos a litteratura da esperança. Confiemos em Deus, na Patria, no futuro, nas grandes verdades que não passam.

E pois que a mocidade é a mais bella encarnação da esperança, façamos uma litteratura que a eduque e eleve, propinando-lhe no vaso de ouro filigranado e terso das lettras, não o veneno roseo da pornéa, nem os perrexis do erotismo facil e enervante, mas sim as ambrosias e os nectares dos enthusiasmos puros, das virtudes generosas, das crenças fortes, dos patriotismos sinceros e dos heroismos que glorificam toda uma raça.

Façamos uma litteratura que professe cavalleiramente a bella divisa de um dos nossos homens de lettras: *aedificabo!* litteratura, que saiba edificar a grandeza moral da Patria, attrahindo ao bem os corações ainda mais broncos e refractarios, como a dourada lyra de Amphião, sob o encanto magico das suas melodias, arrastava as pedras da Beocia, para a construcção dos legendarios muros de Thebas.

Será esta a mais perfeita actuação do lemma que hoje se grava no frontão do Centro Mattogrossense de Lettras: atravez da belleza litteraria, a belleza moral da virtude e do caracter: *Pulchritudinis studium habentes.*

Peroração

Nesta suave convicção é que saúdo o seu apparecimento como uma das mais alviçareiras florações da primavera intellectual, que agita o espirito da moderna geração mattogrossense.

Nem se diga que tudo isto ainda não passa de mera nebulosa. Bem o sei, mas que importa? Tambem as constellações que hoje povoam de luz e poesia o ether infinito, não passavam outr'ora dessa nebulosa primitiva entrevista pelo genio de Kant e Laplace, atravez da primeira pagina do Genesis, na mais arrojada prophecia scientifica do passado.

Sejam, pois, nossos votos que a nebulosa de hoje, em rotação perenne e luminosa, espadane sobre a fronte de Matto-Grosso, uma grinalda gloriosa de astros e de grandezas.

E quem déra ao meu coração de bispo, que dessa mesma nebulosa, illuminando este sonho de belleza que é o nosso ideal, irradiassem tambem as estrellas de um novo Cruzeiro, á semelhança dessa constellação bemdicta, que estrelleja os sonhos da nossa terra natal, adormecida placidamente na silenciosa noite dos pantanaes e das serras!

Tenho dicto.

O Pendulo e o Coração

Um dialogo ouvi, num remoto passado,
entre um pendulo velho e um coração... Dizia
aquelle, pranteando o duro e triste fado
que a isóchrono oscillar assim o compellia:

—"Que nume ou deus cruel, injustamente irado
contra mim, me obrigou a esta eterna agonia,
a este insano trabalho em que me vês, cançado,
sem repouso obter, sem tregua noite e dia?"

Então, o coração que, calado, escutára,
disse:—"Deploro bem a tua sorte amára...
Maior, porem, que o teu é o meu padecimento,

pois tu, ao menos, tens um circulo restricto,
e eu vivo a divagar de infinito a infinito,
sem siquer descançar um rápido momento..."

JOSÉ DE MESQUITA.

A tapera

Quem de manhã partir destas paragens,
Rumo de leste, entre brejaes selvagens
Cobertos de verdura,
Irá ter, fatalmente, ao meio-dia,
A's ribanceiras da cachoeira fria
Que guarda a selva escura.

Depois ha de transpor capões inteiros,
Bosques de gravatás e de espinheiros,
Onde cantam canarios,
E onde risonhas, enfeitando os ninhos,
Abrem, lindas, macias como arminhos
Flores dos tons mais varios.

E quando vier a treva dos receios,
A rêde amarrará sob uns esteios
Aranholados de hera;
E a noite inteira ficará velando:
Aquelle sitio tão ameno e brando
E' assombrado: a tapera.

Lá noutro tempo, um casarão bonito
Era de ver sorrir, sob o infinito
Docel do azul mais raro,
Pela boca aromal de cem janellas
Abertas para o sol, para as estrellas
Do firmamento claro.

Dentro, era o hymno encantador, constante,
Da rapaziada a parolar, vibrante,
Vibrante como a aurora;
E era o concerto infindo de poesia,
Cheio de vida, pleno de harmonia,
Dos passaros, lá fóra

E era, lá fóra, o hymno triumphal do engenho
Plantado á luz, que, com vozear roufenho,
Puxava a caravana
Dos casebres singelos dos campeiros,
Extendidos ao longo dos terreiros
De face alegre e plana.

Pelo curral balavam as ovelhas.
Gallos cantavam. Nas figueiras velhas,
Brancas como alvoradas,
Pousavam garças. E mil bois, em fila,
Lentos, marchando, em procissão tranquilla,
Berravam nas malhadas.

Pelo tempo feliz das vaquejadas,
Partiam, rumo ao campo, de aguilhadas
E laço, sobranceiros,
Firmes na sella, em seus corseis fogosos,
Rijos, possantes, validos, garbosos,
Vaqueiros e vaqueiros.

E era um goso sem fim vel-os chegando,
Como guerreiro, formidavel bando,
Com o gado para a ferra.
O aboio triste no sertão bravio,
Ia lento, a guiar, de rio em rio,
Morrer no alto da serra.

E pelas tardes de S. João, que encanto,
Quanta belleza, quanto sonho, quanto
Amor por aquelle ermo
Não palpitava no arrular das rolas,
No arfar do vento, no gemer das violas,
Enchendo o ceo sem termo...

O bulicio reinava em cada casa,
Em cada fronde ruflalhava uma asa;
Tudo cantava e ria;
Emquanto com saudade da terneira
Sacrificada á sombra da aroeira,
Nedio touro mugia.

Daquelle tempo, emtanto, hoje que resta?
De tanto brilho e movimento e festa
Que ha por aquellas plagas?
Mudez, tristeza, desalento e sombra
Em tudo, e em tudo uma visão que assombra,
Pelas noites aziagas.

Restam vigas no chão, apodrecendo,
Paredes mortas e moirões morrendo,
Entre a guanxuma e as lixas,
Lesmas, lacraias, ratos, grillos, cobras,
A modorrar do ventre sobre as dobras,
Sapos e lagartixas.

Se algum rumor de vida lá se escuta
Ainda, é o vento na floresta bruta,
A concital-a, aos brados,
A' conquista da terra bemfeitora,
Que lhe pilhara a garra destruidora
Das foices, dos machados.

E' a floresta a invadir, verde e pujante,
De lado a lado, o campo transbordante
Da seiva que elle encerra,
E esse canto que vibra nos farfalhos
Dos seus nodosos, bracejantes galhos,
E' o seu canto de guerra.

(Assim, em pelotões, vociferando,
— Bando feroz, — se derramava o bando
Dos vandalos, outr'ora,
Numa cidade inerme e abandonada,
Que se rendia, muda, apavorada,
A' hora devastadora)

Ou será, pelas noites de geada,
O regougo da velha onça pintada,
Que vem, sem que a presinta
O proprio chão que pisa, entre os destroços
Remexer, com as unhas, montões de ossos,
Sanguinaria e faminta.

Ouço dizer que um caminheiro, um dia,
Lá descobriu, no "tronco" que existia,
Carcomidos dos annos,
Seccos, hirtos, roidos de vermina,
Prenuncio certo de fatal ruina,
Esqueletos humanos.

Certamente, dahi, verdade ou lenda,
Vem a fama de que toda a fazenda
Esquecida e sem nome,
Abandonada á ronda dos miasmas,
E' povoada de espectros e fantasmas,
De bruxa e lobishome.

Verdade ou lenda, o certo é que, na treva,
A' sexta-feira, humana voz se eleva
Aos céos, da erma espelunca.
— Urutáu... Mas, medroso, apavorado,
O viajor, que a escutou, foge assombrado,
E lá não volta nunca.

LAMARTINE MENDES.

O leão captivo (1)

Como seu rei, na juba o aureo esplendor,
Ao passar na floresta antigamente,
A fauna, em seu cortejo reverente,
O seguia aos festins de grão senhor.

Hoje que está captivo, indifferente
Vêde o como olha a turba e seu rumor;
Dir-se á que os animaes em seu furor
Levantam contra elle a grita ingente.

O vindo-os, elle presto ergue a cerviz
E ruge; nisto, os seus subditos vís
Quedam se logo em um silencio enorme.

Tal na clareira outr'ora e nos covis
De seus bosques, onde o echo desconforme
Sôa e depois a natureza dorme.

A. CAVALCANTI

1) — Não é mera phantasia, mas um facto, conforme se vê na obra "A caça ao leão" por Julio Gerard, que os leões em estado de liberdade são acompanhados, a distancia respeitosa, por um cortejo de parasytas, como a hyena, o chacal e outros carnivoros. E' tambem facto averiguado nos museus e jardins zoologicos que a vozeria levantada pelos animaes nas horas que precedem a distribuição do repasto é seguida de completo silencio apenas se ouve o rugido do leão

Livro de minha vida

Eis meu livro da vida em dous tomos escriptos . . .
N'um . . . minha Mãe, meu pae, minhas irmãs. Eu o abro!
—E em cada folha cheira o incenso do meu rito,
E brilha em cada folha a luz de um candelabro!

Para o segundo lêr . . . toda a minh'alma irrito . . .
(Não foi como o primeiro escripto em papel glabro)
Ha n'elle goso vão . . . que noite! e a noite eu fito . . .
Nascendo de outra noite ou de um poente macabro!

Que atro inferno vermelho em negra catacumba!
Revolvel-a . . . é atirar velhas ossadas a esmo . . .
E o terror deste tomo estupido me chumba.

Quiz ser bom! — mas vivendo entre horrores gorgoneos . . .
Eu, que amo o pobre e dou esmola ao cégo, eu mesmo
Senti morando em mim o mais vil dos demonios!

OCTAVIO CUNHA.

A Esperança

Verdes-mares beijando a aza-branca do sonho
Que vae na ròta azul de uma enseada bemdicta!...
Os desterros suavisa... Ao carcere medonho
Desce... e a alma eleva a Deus para a crença infinita!

A esperança!... (E' a patena onde o affecto deponho!)
O ermo povôa... a dôr applaca... o céu limita...
E' a benção que allivia o martyrio tristonho...
O lampêjo da fé que a patria resuscita!...

A agua-santa que lava a côr-negra das pragas...
A esmola que abre o céu da bemaventurança...
O naufrago a luctar pela vida entre as vagas!...

Mansuetudes de Christo — entre espinhos e lança!...
A paciencia de Job — sob o fogo das chagas!...
(Ai de nòs, meu amor, se não fosse a esperança!)

OCTAVIO CUNHA.

Mãe

Pende dos labios meus — haja paz ou tormento! —
Teu nome — minha doce oração quotidiana...
Ter eu vindo de ti, pulchro em teu pensamento,
Mãe! — é a gloria que mais me ensoberbece e ufana!

Longe de ti! no mal do amplo mundo violento,
Ando em busca do bem — essa imagem cigana...
Com a tua benção, Mãe, rompo a treva que enfrento!...
Com a tua prece, Mãe, tenho Deus que me sana!

Bemdicta! E's o missal onde eu soul Natureza!
Nove mezes passei bebendo a tua graça...
Até que eu visse a luz astral cantando acceza!

Nada existe que eguale o nosso amor eterno!...
No emtanto... o meu parece aurea nuvem que esvoaça
Sob a egregia amplidão do teu amor materno.

OCTAVIO CUNHA.

Ao Cahir da Tarde

Contemplo ao longe a matta e a suprema elegancia
De uma esbelta palmeira, e na tarde outomnal
Minha alma extasiada aspira essa fragancia
Que se evola subtil de um mystico rosal.

Rumorejam, ruflando as azas, em uma ancia
De amor, bandos gazís de andorinhas. No humbral
Da porta do Occidente o sol morre e a sonancia
De ideaes bandolins se desprende do val.

Doces meditações, suaves fantasias
Me vêm á mente á tarde, em lindas harmonias
De som, de luz, de cor, de divinaes perfumes.

E a tristeza me vem dessas horas passadas,
Nostolgias sem fim, quantas cousas sonhadas,
Saudades, sustos, ais, ineffaveis queixumes.

U. CUYABANO

Noite

Noite — sensações . . . dor indefinida
Qual se o céu em espasmo de agonia,
Revestisse de crepe a alma dorida
A lamentar a viuvez do dia . . .

Imprecações de duvida sentida
A vagar pelo espaço — melodia
De uma orchestra ideal, desconhecida,
Symphonia de um bem que a alma extasia ! . . ,

Noite — paz dos espiritos afflictos ! . . .
E' ninho de orações — sonhos bemdictos,
Que os corações dos bons vêm povoar ! . . .

Filha muda das Trevas pelo espaço . . .
Derramando com arte e sem cansaço
Um chuveiro de estrellas pelo ar ! . . .

FRANKLIM CASSIANO.

Historia literaria e scientifica

Em 1919, por solicitação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que angariava subsidios para o seu "Diccionario", elaborou-se a monographia referente a Matto Grosso, um de cujos capitulos ora sae a lume, com todos os senões e deficiencias inherentes ás tentativas desta ordem, de primeiro reconhecimento em regiões nunca por outrem esploradas.

O povo audaz e forte que, rompendo os sertões bravios, iniciou a colonização de Matto Grosso, celebrisou-se mais pela impavidez tenaz com que affrontava os mil perigos e obstaculos oppostos á sua marcha, do que pela cultura literaria, que lhe fallecia.

Paschoal Moreira Cabral, o fundador de Cuiabá, "paulista dos bons, homem chão, sem letras, pouco polido de agudo entendimento, sincero, caritativo por extremo", espelhava nas qualidades e defeitos os caracteristicos de sua raça.

A faina incessante da mineração, atravez das imprevistas dificuldades rompentes a cada momento, pelo assalto de indios vingativos, ou ameaça de fome, causada pelas pragas na deficiente lavoura em terras virgens, ou abusivas extorsões do fisco insaciavel, exigia dos novos colonos actividade muito diversa da que bafeja a eclosão de temperamentos literarios ou artisticos.

Opprimidos por outras questões, impostas pela necessidade premente da defeza, não lhes sobejava tempo de se dedicarem ao cultivo das letras.

Ademais, a instrucção, nulla a principio, ronceava tacanhamente por annos afóra, sem conseguir preparar a base necessaria, em que se apoiem, pelo alteiamento do nivel intellectual do povo, ou de uma elite, os monumentos literarios.

Não é de admirar, pois, que nestas condições, Matto-Grosso careça de obras que possa apresentar como elaboradas pelos seus filhos ou inspiradas pelas paizagens portentosas das suas terras e céus.

E' de notar-se que, mais do que a literatura de ficção, avulta com valor muito maior, em qualidade e quantidade, a contribuição dos estudiosos, alguns delles notaveis, da sua historia e geographia.

Dentre os que poderiam ter exercido alguma influencia na evolução de Matto-Grosso, surge, primeiro, José Barbosa de Sá, que tendo vindo a Cuiabá, pouco após a sua fundação, participou das provações dos primeiros tempos, que historiaria mais

tarde, na sua RELAÇÃO DAS POVOAÇÕES DE CUIABA' E MATTO-GROSSO DE SEUS PRINCIPIOS THÉ OS PRESENTES TEMPOS, publicada nos Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XIII, anno 1901.

Advogando em Cuiabá, Barboza de Sá identificou-se inteiramente com o novo meio, combatendo os abusos das autoridades de quem se tornou inflexivel censor.

A Rodrigo Cesar, em particular, não esbateu os tons, com que o esboçou em grandes traços, pondo em relevo a ganancia esfaimada por que se distinguiu a comitiva do implacavel governador, causadora, pelo arrocho das suas extorsões, do despovoamento de Cuiabá.

Na sua chronica, de leitura attrahente pelo estylo simples, apenas de raro em raro maculado por laivos de gongorismo, então dominante nas letras portuguezas, acham se registados os successos principaes, que se verificaram nesta Capitania até 1775, quando Barboza a terminou.

Alem desta obra, em que vão abeberar-se todos aquelles que pretendem estudar o desenvolvimento de Matto Grosso em sua primeira phase, deixou o primeiro chronista de Cuiabá, o relatorio da commissão a que foi, em 43, no valle do Guaporé, afim de examinar as povoações hespanholas, que começaram a expandir-se para o Oriente, tão logo souberam do estabelecimento dos paulistas nas minas do Sararé e Galera.

Assim, é de presumir-se não ter sido de pequena monta a acção de Barboza de Sá entre os seus contemporaneos, de que haveria de extremar-se pela sua maior cultura e bôas letras.

Succeder-lhe-ia na faina de relacionar os factos que occorressem nesta Capitania, já desannexada de S. Paulo, o capitão Joaquim da Costa Siqueira, a quem encontramos varias vezes feito vereador, desde 86, quando era apenas tenente, até 1816, quando escreveu o seu "COMPENDIO HISTORICO CHRONOLOGICO DAS NOTICIAS DE CUYABA', REPARTIÇÃO DA CAPITANIA DE MATTO-GROSSO", que veio a luz no tomo XIII da Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, anno de 1872.

Delle affirmou o Juiz Ordonhes que o tratou de perto ser "o mais capaz desta villa (de Cuiabà) de desempenhar semelhante incumbencia (de continuar as chronicas de Barboza de Sà) pelas suas luzes, criterio e conhecida probidade".

Não possuindo os mesmos dotes literarios de Barboza de Sá, Costa Siqueira não se lhe compara tambem no desempeno da critica aos poderosos, de quem teria sido, por vezes, nimio louvador.

Tendo militado na politica local, nem sempre se mostrou imparcial na apreciação dos homens e factos que descreve.

Entretanto, não lhe faltam observações interessantes, como, entre outras, as que regista acerca das festas populares, com que eram recebidos os Capitães Generaes, ou commemoradas as grandes datas da familia real, e outras.

Neste periodo, chegou a Matto-Grosso a commissão portugueza de limites que devia pôr por obras o que ficára estipulado no Tratado de 1777.

Si, por esse lado, o seu objectivo politico fracassou, em compensação foi consideravel a contribuição trazida pelos seus notaveis membros, Ricardo Franco, Lacerda de Almeida, Silva Pontes, ao conhecimento exacto dos sertões em que desabrochava a nova estirpe dos bandeirantes.

Lustraram de preferencia a zona fronteiriça, explorando-lhe todos os mysterios, revelados pelos relatorios valiosos, que nos legaram,

Dentre os demais, merece especial destaque, pela influencia que exerceu, elegendo a nova terra para sua morada, o Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra.

Chegando a Matto-Grosso, em 82, este consummado geographo e militar dedicou inteiramente o seu culto espirito ao serviço da atrazada capitania, pesquizando lhe os accidentes do solo, que defendeu do assalto do inimigo, quando commandante da fronteira paraguaya.

Passou tambem, accidentalmente, pelo governo, participando das juntas que substituiram os governadores João de Albuquerque, fallecido em 96 e M. Carlos de Abreu, em 1806.

Das explorações que fez, em companhia de Lacerda de Almeida e Silva Pontes, ou sósinho, herdou-nos Ricardo Franco as memorias que vieram a lume na Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, taes como o EXTRACTO DA DESCRIPÇÃO DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO feita em 1797, no tomo VI, anno de 1844, REFLEXÕES SOBRE A PROVINCIA DE MATTO GROSSO (vol. 12). MEMORIA SOBRE OS INDIOS GUAYCURUS, DIARIO DA DILIGENCIA AO RIO PARAGUAY (publ. off. feita em 1908), NAVEGAÇÃO DO TAPAJÓZ PARA O PARÁ.

Tendo vivido os seus ultimos 27 annos em Matto Grosso, de cuja historia e geographia se tornou o mais autorisado sabedor, logrou direito a figurar-lhe entre os factores da evolução intellectual, apezar da maneira desgraciosa dos seus escriptos, que mais visavam impressionar pela substancia mesma das exactas informações ahi contidas, do que pelo brilho da forma, que lhes fallecia.

Foi lhe contemporaneo o cuiabano Padre José Manoel de Siqueira, que nos legou a "MEMORIA A RESPEITO DOS DESCOBRIMENTOS DOS MARTYRIOS" alem de outros trabalhos, perdidos em memoria. (*)

Notavel terá sido sem duvida a collaboração de outro explorador, Luiz de Alincourt, capitão de engenheiros, a quem o governo imperial confiou, em 1822, o serviço da Estatistica de Matto-Grosso, em que permaneceu até 1830.

Serviu de secretario á junta que tomou conta do governo, pela deposição de Magessi, onde a sua esclarecida intelligencia teria provavelmente obrado como elemento moderador na solução de graves questões, naquella phase de effervescencia politica.

Do zelo e interesse que mostrou por Matto-Grosso, documentam exhuberantemente os seus relatorios e memorias, propagados, em grande parte, pela Rev. do Inst. Hist e Geogr. Brasileiro no tomo XX de 28, assim intitulados :

Noticias interessantes sobre a parte meridional da Pravincia de Matto Grosso; Resumo das explorações feitas desde o registro de Camapuam até a cidade de Cuiabá, Resumo das observações estatisticas feitas desde a cidade de Cuiabá até a villa do Paraguay Diamantino, em 1826; Reflexões sobre o systema de defeza que se deve adoptar na fronteira do Paraguay; Officio sobre a estatistica e despeza da administração da Provincia de Matto Grosso de 1824 a 1825; Mappa do reconhecimento praticado na fronteira do Cazalvasco e Jaurú (82); *Planta do forte Olimpo Bourbon*

Compendiando todas as informações colhidas em suas pesquizas, Alincourt organisou mais tarde o seu QUADRO ESTATISTICO DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO, valioso trabalho que se pode ler nos vols. III e VIII dos Annaes da Bibliotheca Nacional.

Foi lhe companheiro na junta governativa o então Pe. José da Silva Guimarães, illustre cuiabano cuja cultura intellectual o Instituto Historico e Geographico Brasileiro reconheceu, elegendo o para socio.

Sacerdote esclarecido, a religião não lhe empolgou de todo o espirito formoso, que outras exigencias de ordem social por vezes solicitaram instantemente.

Apaixonado pelo estudo dos homens e factos de Matto-Grosso, cuja historia ajudou a fazer, como Presidente da Pro-

(*) — No archivo do Palacio, foi encontrado o manuscripto em que o Padre Siqueira dá conta do estudo da quina da Chapada, que fez, commissionado pelo Governo.

vincia, em varias épocas, o Conego Silva Guimarães, antes de desapparecer em Novembro de 44, entregou ao Instituto a sua memoria sobre os indios Apiacàs, que se encontra no tomo VI, anno de 44.

Ao ser-lhe o corpo inhumado na Igreja de S. Francisco de Paula, a deputação do Instituto, a que pertencêra, proclamou-lhe os altos meritos, de "sacerdote assaz allumiado pelos seus estudos e talentos", "literato esclarecido". cujos trabalhos attestam a "actividade do seu genio e o alcance da sua intelligencia", e "amestrado e optimo Servidor do Estado".

Reproduzindo em miniatura o mesmo phenomeno que se verificára no Brasil, as manifestações literarias em Matto-Grosso, em todo o decurso do primeiro seculo do seu povoamento, limitar-se-iam aos assumptos relativos ao exame da terra desconhecida, dos seus rios,dos accidentes orographicos, das suas minas,da fauna e flóra e das raças indigenas que lhe habitavam o territorio.

A mesma preferencia por estes estudos notabilisaria, meiado já o seculo XIX, a culta intelligencia de Augusto Leverger, bretão de nascimento, que as exigencias da vida trariam a Matto-Grosso, fadado a receber as melhores elocubrações do seu primoroso espirito.

Da mesma escola de Ricardo Franco, a que já foi emparelhado, e Luiz d'Alincourt, distinguiu se Leverger principalmente pelo solido preparo basico, bebido no estudo das mathematicas, que mais tarde leccionou gratuitamente em Cuiabá.

Apparelhado do rigorismo dos processos destas disciplinas, não lhe escasseava tambem o conhecimento das bôas letras, ao menos das francesas cuja evolução acompanhava.

Desde que aportou a Cuiabá, em 1830, nunca mais Leverger se desligou da terra, de que se tornou filho adoptivo, procurando bem servil-a, ainda mesmo quando os seus deveres de marinheiro conceituado na classe o chamavam para outras paragens.

Quer como geographo, explorando o rio Paraguay e seus tributarios, ou militar, que salvou Cuiabá da invasão inimiga, atalhando-lhe, no Melgaço, a marcha até então desempedida; quer como administrador, acalmando com o seu prestigio as luctas partidarias, nas vezes que foi obrigado a acceitar a Presidencia da Provincia, ou como erudito pesquisador dos archivos de Cuiabá, Leverger distinguiu se pela firmeza do seu discernimento, que dá relevo aos informes que deixou acerca dos successos e cousas de Matto-Crosso, ainda hoje consultados com proveito. Legou-nos as seguintes obras :

Apontamentos chronologicos da capitania de M. Grosso.
Diccionario geographico da mesma provincia
Memoria sobre o rio Paraguay, desde Nova Coimbra;

Diario e roteiro da viagem feita desde Assumpção, no Paraguay, até Bahia Negra;
Roteiro da navegação do rio Paraguay;
Noticia sobre a provincia de Matto Grosso;
Breve noticia relativa á corographia de Matto Grosso;
Observações sobre a carta geral do Imperio, relativa á provincia de Matto Grosso;
Carta do rio Paraguay;
Planta hydrographica da Lagôa Uberaba;
Mappa da fronteira do sul da provincia de Matto Crosso;
Mappa geographico, chronologico e estatistico da provincia de Matto Grosso;
Esboço do rio Cuiabá, desde a confluencia de S. Lourenço até a cidade daquelle nome;
Carta de um reconhecimento no districto de Miranda;
Vias de communicação;
e relatorios varios, em que se gravou o cunho da sua forte personalidade.

A 14 de Janeiro de 1880, desappareceu aquella organisação inteiriça de erudito, que deixou após si um grupo de jovens apaixonados pelo estudo da historia patria.

A sua influencia foi poderosa, guiando muitas vocações, que, falhando o morto eminente, teriam desgarrado, solicitadas por outras componentes.

A acção que exerceu, põe-se de manifesto nos escriptos de João Augusto Caldas, (1836—1887), cuja obra de maior tomo versando a historia de Matto Grosso, parece perdida; de Flavio de Mattos, esforçada intelligencia, que a politica sacrificou em 1901, cortando-lhe a vida cheia de enthusiasmo; de Estevão de Mendonça, o infatigavel pesquisador dos nossos archivos, que além de monographias esparsas, publicou em 1906, o "QUADRO CHOROGRAPHICO DE MATTO GROSSO", e recentemente as "DATAS MATTO GROSSENSES"; de J. Barbosa de Faria, autor de uma Historia de Matto Grosso, ainda inedita.

Aos mesmos assumptos, embora subordinados a orientações diversas, dedicaram a sua intelligencia outros illustres conterraneos, M. Esperidião da Costa Marques, engenheiro enthusiasta do valle do Guaporé, que perlustrou descrevendo, em viagens de exploração, que lhe abreviaram a vida; Caetano de Albuquerque, general hoje, autor de um "Resumo Chorographico de Matto-Grosso", alem de outras varias obras de tomo; A. Corrêa da Costa, cujo talento se tem revelado quer no jornalismo, em polemicas vibrantes, quer nos relatorios em que estuda as questões de actualidade, quer nas monographias, em que versa pontos obscuros de nossa historia; e finalmente, mais operoso

que todos, Candido Mariano da Silva Rondon, general, cujos trabalhos, remodeladores da cartographia de Matto Grosso, se tornaram conhecidos pelas memorias e relatorios, com que tem enriquecido a respectiva literatura.

Procurando coordenar as actividades dos intellectuaes, tem-se formado, em Cuiabá, varias associações de estudos literarios ou scientificos. a mais importante das quaes, o Instituto Historico de Matto Grosso, se inaugurou a 8 de Abril de 1919.

Quando Leverger, em plena expansão do seu talento, centralisava o grupo dos estudiosos, era lhe concurrente,na attracção das jovens intelligencias, o Pe. Ernesto C. Barreto, orador sacro de nomeada, que, vindo a leccionar no Seminario Episcopal em 54, professou diversas disciplinas, para as quaes publicou compendios apropriados, como, entre outros, as *Licções de Theologia Exegetica, Religião e Logares Theologicos, Philosophia Racional e Moral, Theologia Dogmatica Manual da Lingua Latina.*

Temperamento vibratil, não se constrangiu o Pe. Ernesto Barreto no exercicio do seu sacerdocio.

Fez-se jornalista, que o Presidente da Provincia, Coronel A. P. de Alencastro, por lhe emmudecer a penna terrivel desterrou para a Côrte, mandando prendel o, com grande apparato, á propria Sé Cathedral, em que pregou a 26 de Maio de 1861, antes de entregar-se aos agentes policiaes.

A imprensa que teve no Pe. Ernesto a sua mais dedicada e illustre victima, não esmoreceu, porem, conseguindo, prestes resarcir se de tão condemnavel attentado, pela demissão do façanhudo Presidente.

E de então para cá, progrediu continuamente, servida por J. J. Rodrigues Calháo, o fundador da "Provincia de Matto Grosso", A. A. Ramiro de Carvalho (1883 – 1891), cuja fama perdura; José Barnabé de Mesquita (1855—1892), da propaganda abolicionista; Vital B. de Araujo, (fallecido em 1915); Francisco Agostinho Ribeiro (1849--1912), republicano historico; Frederico Prado de Oliveira, (1877—1911(polemista de grandes recursos; Antonio Vieira de Almeida, (1873—1916), «conteur» apreciavel, que deixaram honrosa nomeada nos annaes da imprensa, alem da pleiade brilhante que lhes succedeu, e cuja simples ennumeração se estenderia demasiadamente.

Na eloquencia, contam se tambem alguns nomes de valia, como entre os maiores o Dr. Leite Falcão, orador afamado, que se laureava de glorias na tribuna judiciaria; Caetano de Albuquerque, fogoso propagandista, que nos ultimos tempos da monarchia abalava a sociedade cuiabana com o seu verbo inspirado; Aquilino do Amaral, que no Senado Federal, ostentou a sua facundia e outros.

A tribuna sagrada regista em seus fastos o nome do protonotario Ernesto Camillo Barreto, que deixou de si airosa nomeada de dor eloquente, e seus illustres successores, até ao mais moderno, o Bispo de Prusiade, D. Aquino Corrêa, em cujos formosos sermões se espelha a mais perigrina expressão de cultura literaria em Matto Grosso.

Do mesmo passo prosador e poéta, ao seu fórte influxo despertaram não poucas vocações artisticas que a Revista "Matto-Grosso" revelou.

Muitas dellas emmudeceram depois, solicitadas por componentes diversas; outras, porém, continuaram fiéis ao culto primitivo, assim J. Barnabé de Mesquita Filho, cujos primeiros versos acabam de ser enfeixados em volume; Soter C. de Araujo, hoje desgarrado nos absorventes trabalhos de engenharia de campo; Lamartine Ferreira Mendes, o mais novo, e de não menor inspiração.

Estes são os que mantém intemeratos os fóros da poesia, a que antes servia, e ainda serve, com a espontaneidade do seu estro, A. Tolentino de Almeida, que estabelece a transição para a phaze anterior, de Catharino de Britto, pintor e poéta, desapparecido em promissora mocidade em 1881; de Amancio Pulcherio de França, fallecido em 1881; J. J. Rodrigues Calháo. (1885;) de José Thomaz de Almeida Serra, morto em 1889; de José Delphino da Silva, e outros, cujas producções se perderam de todo.

E', como se vê, pequena e, sobretudo, recente a contribuição da poesia, como o é tambem a das obras de ficção em prosa, em geral destituidas de merecimento literario.

Em relação á historia scientifica, ou avultará o estudo, si entrar em conta a collaboração dos naturalistas viajantes, ou descambará, insignificante, si apenas quizermos incluir os cultores da sciencia em Matto-Grosso.

Abre a série daquelles, ainda nos tempos coloniaes, na derradeira decada do seculo XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira o grande naturalista bahiano, que foi o primeiro a observar a fauna e a flora de Matto Grosso, com olhos de sabedor, embora tenha resultado inutil para o conhecimento da phytographia Matto-Grossense, a notavel herborisação feita em suas longas viagens, até hoje enclausurada no Jardim Botanico de Belém em Lisbôa.

Vem depois os nomes dos collaboradores de Langsdorff, já nos tempos do imperio, e do medico paulista A. L. Patricio da Silva Manso, que empregou o seu activo espirito no estudo botanico dos arredores de Cuiabá, por volta de 1831, e dos sabios

estrangeiros todos que lhes seguem as pegadas até aos tempos actuaes, d'Orbigny, Wedell, H. Smith, S. Moore, Lindmann e tantos outros.

Modernamente reapparecem os botanicos brasileiros, com J. Barbosa Rodrigues, autor das «Plantae Matto Grossenses» e «Palmae Matto-Grpssenses», Julio Cezar Diogo, e nestes ultimos annos, os membros da Commissão Rondon, F. C. Hoene, J. Geraldo Kuhlmann, o zoologo Miranda Ribeiro, o etnographo E. Roquete Pinto e o geologo E. Paulo de Oliveira, cada qual contribuindo, em sua especialidade, para tornar mais conhecido o meio matto-grossense.

As producções, porém, destes naturalistas de escól, não constituem propriamente a historia scientifica da terra que apenas lhes proporcionou o material de estudo.

Mais direito de figurar nella têm os filhos de Matto-Grosso que se notabilisaram em qualquer dos seus innumeros ramos: o Pe. José Manoel de Siqueira, sacerdote illustrado membro da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, que descobriu, em 1798, na Chapada, a quina; o Dr. Prudencio G. T. da Veiga Cabral, jurisconsulto, professor de Direito Civil na Faculdade de Sao Paulo, de 1829 a 1861; Joaquim Murtinho, a um tempo medico, engenheiro, professor e estadista notavel; J. A. Josetti, operador de nomeada; A. de Souza Lima, que illustrou a cadeira de Medicina Legal na Faculdade do Rio; M P. Cursino do Amarante, mathematico de valor; J. Mendes Malheiros, profesor acatado, como o anterior, na Escola Militar, e Candido Marianno da Silva Rondon, egresso do magisterio, que se dedicou aos trabalhos praticos de engenharia em Matto-Grosso, em que pudesse, do mesmo passo, levar avante as exploracões geographicas, tornando-se digno continuador das tradições gloriosas de Ricardo Franco e Leverger.

V. Corrêa Filho.

ESTELLIONATO

POR J. TERRA

— Querido Rio, adeus! Seja o meu ultimo adeus a fumaça do meu cigarro, logo desfeita no teu ar tão impregnado de effluvios seductores...

— O navio começa a jogar, desçamos meu caro Rosendo.

— Sim, já começa esta maldita chafra-nafra que o primeiro enjôo estabelece a bordo. Veja o Coronel como parece envergonhado com os seus galões. Não ha nem dignidade de galões para esta nausea do mar. Olha como o Coronel nos vira as costas... upa... carga ao mar. E aquella figurinha de *biscuit*, veja como faz mais profundo o bistre de suas olheiras...

— Vamos descer, Rosendo.

— Vamos, vamos, tu tambem já começas a enjoar.

Descemos ao convez. Num banquito á proa um frade de habito franciscano mal se equilibrava, com a cabeça ao léo, o capuz enfunado do vento forte que zunia e alvoroçava as cortinas do salão e as *écharps* das senhoras, encanava-se pelo corredor entre os camarotes, sacudindo as portinholas com frenesis e estridencias de trincos, batendo-as, abrindo e fechando as folhas num vae e vem do demonio.

— Onde, diabo, puzeram a minha cadeira de verga? Ah, ali. Mas que sem cerimonia! Um arenque, naturalmente de *Yarmouth*, sentado na minha propriedade como si fosse sua, bem sua. Bem feito: o vento arranca-lhe o chapeo chile. Mas elle nem se incommoda. Prezo pelo cordel e-

lastico, o chapeo passeia-lhe pelos hombros, pelos pés, pelo assoalho, deixando ao fresco o cocuruto pellado como uma bola de bilhar.

Rosendo Rosauro é que não se conteve:

—Mister, faz favor de ceder-me a cadeira que é nossa...

—Sim senhorrr, obrigado, obrigado.

E o *Mister* nos deixou com uma mesura de despeito, de constrangimento, de qualquer fórma desenxabida.

Dois dias depois, com a approximação que as viagens longas forçosamente estabelecem, Mr. Davies não só era nosso conhecido como tambem nosso amigo e amigo de todos os passageiros. Pena era que pouco fallava o portuguez. A boa vontade supria o parco conhecimento. Boa vontade e muita convicção. E' que Mr. Davies, julgando-se polyglotta, suppunha fallar o nosso idioma contando apenas uns dez dias de estadia no Rio. Em todo o caso, a ser verdadeiro esse prazo, o inglez era prodigioso em aprendizado glottico. O patriotismo coçou pruridos de vernaculista em todos nós e fomos guiando o Mister no louvavel aprendizado. Pois bem, senhores, foi desastre de estremecer os manes de Vieira, Bernardes e envergonhar mesmo a outros manes menores.

Mr. Davies tinha curiosidades infantis. Porque o *x* soava *z* em *exercito* e *x* em *sexta-feira?*

—Ora... porque, Mr. Isso lá se pergunta? retrucava-lhe o Rosendo. Não vê que em uma palavra está entre vogaes e noutra segue-lhe uma consoante?

Mr. Davies parecia satisfazer-se com a explicação, mas voltava dahi a pouco:

—E em *peixe*, sr, Rosauro, porque não soa *z?*

—E' excepção, Mr.

—E em oxigenio, é tambem excepção, oh jovem?

Aqui Rozendo, jovem de dezeseis annos, armava outra regra, outra excepção, e escapava-se de Mr. Davies.

—A vacca berra?

—Sim, Mr., a vacca berra, affirmámos todos ao jantar, mas Mr. teimou que não e que não:

— Oh, grammatica Pereira diz que boi berra, vacca é outra coisa.

Outro dia em Florianopolis, Mr. Davies entrou radiante á bordo, mostrando-nos em triumpho o methodo que fôra comprar: — A vacca muge, lá estava.

Foi uma decepção. Como nos haviamos esquecido... essa era boa...

Sempre consultando um diccionario portatil, creio que da casa *Garnier,* Mr. Davies já ia palestrando de modo a fazer-se entender. A palestra, é verdade, era cheia de reticencias e de interrupções frequentes, pois as palavras fugiam, escapavam-se, desobedeciam ao appello da memoria, mas Mr. Davies com uma paciencia britanica ia agarral-as ao diccionario e lá encontrava as fujonas. Quando era omisso o Garnier, vinha-lhe em auxilio o Rosendo que por cima de grammatico arvorou-se em lexicologo, as vezes cheio de impaciencia, é exacto, como sentindo enorme o fardo:

— Eu ainda embaço o inglez, se embaço... com os diabos, não hei de conhecer todos os termos da lingua.

— Olha lá, Rosauro, não vá fazer tempestade em copo d'agua. Não faça como o homem do — *Plebiscito* — de Arthur Azevedo.

— Grande palerma, o homem do tal conto. Talqual o inglez, procurando diccionario para saber o sentido das palavras. Não vê que as palavras têm côr, som e aroma que as explicam, definem exactamente e com facilidade, intuitivamente...

De certo Rosendo Rosauro era symbolista ou coisa que o valha, mas para mim, essa theoria só mesmo comprovada com factos, para merecer-me plena acceitação. Ensejo não faltou, como verão os senhores. Já nas proximidades do Rio Grande, uma tarde lindissima, faziamos o chylo á grandes passadas no tombadilho, quando a attenção geral dos passageiros foi chamada para um bello navio da *Costeira,* que vinha do Sul. Com as effusões que a solidão do mar prepara em taes encontros, saudava-

mos os viajantes agitando lenços e bonets felpudos, e Mr. Davies começou a contar-nos:

—Uma vez em alto mar, assisti incendio de navio perto como esse... Vinha carregado de coisa que faz fumaça...

—Polvora, Mr.

—Esse mesmo... vinha carregado de polvora e zas.. pum... bum... vôou vermelho em pedaços e afundou. Um terrivel estellionato...

—Estellionato? Explosão, Mr.

—Explosão? Não é estellionato? Pois foi o jovem Rosendo que me ensinou que pum-bum é estellionato, explosão!

Olhamos para o Rosendo: desapparecera da roda como um relampago, descendo a escada para o convez mais depressa do que si de facto houvesse havido uma explosão. Fechou-se no camarote e só foi visto em Montevidéo.

DANTE

POR MANUEL XAVIER

Durante Alighieri, immortalizado com o seu nome abreviado em Dante, nado em Florença em 1265, procedia de antiga linhagem romana, alli fixada desde o seculo XI, quando Carlos Magno fel-a reconstruir após sua devastação pelos godos.

Foram seus pais o jurisconsulto Alighiere degli Elisei e sua primeira mulher Bella.

Moreno, taciturno, de feição austera, estatura media, Dante cursou, com proveito, as universidades de Padua e Bolonha. Desta ultima, cheio de saber e de experiencia, em 1287, regressou á sua terra natal.

Alli, do livro da sua memoria, trasladou para a "Vida nova" as fortes emoções e os ternos pensamentos suggeridos pelo amor puro e santo de Beatriz e, com aquelle *talent de bien faire*, de que só elle possuia o segredo, escreveu ainda: "Banquete", "Da monarchia" e "Da eloquencia vulgar".

O amor infantil que, a 1.º de maio de 1274, em casa de Folco Portinari, a visão angelica de Beatriz de oito annos e meio de idade, despertara em Dante, de nove annos, dominou, por toda sua vida, seu fidelissimo espirito.

Esse ingenuo affecto foi castamente correspondido, mas não sellado com as bençãos matrimoniaes.

Dante era pobre, Beatriz rica.

Essa desigualdade de condições de fortuna impediu o suspirado enlace.

Casaram: Beatriz com Simão dei Barde e Dante com Gemma Donati.

Apezar da morte de Beatriz em 1290, já casada com outro e do consorcio de Dante em 1295, esse amor, immenso, incomprehensivel, votado á Beatriz, pairou como

um nume tutelar a inspirar o poeta e o acompanhou, beatificamente, em toda a sua magnifica trajectoria.

A morte de Beatriz nem foi tanto o regresso do corpo á terra sinão o revoar d'alma ao céu.

Denodado combatente da primeira linha da galharda cavallaria florentina: na victoria de Campaldino contra os guibelinos d'Arezzo em 1289, na tomada de Caprona aos pizanos em 1290, habil embaixador de importantes missões politicas, — Dante foi um dos *priores* de Florença em 1300.

Scindidos os florentinos em duas novas facções — *negros*, aristocratas e *brancos*, democratas, a estes se uniu o poeta.

Seus rancorosos adversarios vencedores — os *negros*, reunidos em faccioso tribunal, mediante injusto processo, condemnaram o insigne vencido a 800 liras de multa, que não pagou, e á pena de dois annos de banimento que cumpriu por todo o resto da sua martyrizada existencia.

Após novo processo, Dante, já no seu triste exilio, foi condemnado a ser queimado vivo, e desde então, de guelfo passou a ser considerado guibelino.

Em sua penosa peregrinação, afastado dos seus entes queridos, alcançou o exilado, um dia, o mosteiro do Corvo no monte Caprione, na Luigiana. Saiu-lhe ao encontro um monge perquirindo o que buscava. "Paz, paz" — lhe respondeu o attribulado romeiro.

E nunca, em seu rude peregrinar, poude encontrar essa doce paz, tão carinhosamente querida.

E a cumprir seu fadario, proseguiu, em sua rota, o desterrado.

Alentava-o o alevantado ideal da sonhada unificação da sua patria e, após, do mundo, num imperio universal.

Para gravar, em caracteres indeleveis, as maldições aos máos que o torturaram e as bençans dos bons que o consolaram escreveu, o sublime cantor, em tercettos, de finissimo lavor, a obra singellamente intitulada "*Commedia*".

"*Divina*" a chamou Giovanni Boccaccio, em 1366, e os posteros sanccionaram esse complemento. "*Polysensum*" a nomearam outros.

A primeira edição da "Divina Comedia" surgiu em 1472,

cento e cincoenta e um annos após o desapparecimento do seu autor.

Obra fulgida e magestosa, é a Divina Comedía o allivio das almas angustiadas, cujo estertorante soffrimento foi escarnecido no ruido formidando do turbilhão da vida.

A essa centuria ululante a se estorcer convulsivamente, sem balsamo para lhe asserenar as magoas, consagrou o autor o aureo fruto das suas locubrações.

Espirito ardente e fecundo, nascido para os que tinham coração para sentil-o e intelligencia para comprehendel-o, temperamento combativo, cheio da fé e da sciencia do seu tempo, abalançou-se o poeta a lutar contra a cohorte montante de torpezas que grangrenaram a dignidade humana.

Vencido, cantou na lyra o destino das almas na vida hyperterrena.

Em impressionante scenario, desvendou a "Divina Comedia" a selva inhospita onde se achou o poeta, em meio á vida. Já na orla da floresta, teve Dante os passos tolhidos por uma panthera, um leão e uma loba a impedil-o de subir o monte de Sião.

Tornando a profundeza da espessura, se lhe deparou Virgilio e este, cedendo ás supplicas de Beatriz, o guiou ao inferno e ao purgatorio.

Em companhia de Virgilio, desceu Dante ao inferno, visitando seus nove pavorosos circulos. Do centro da terra, aonde se aprofundara, por outra galeria, surgiu do lado opposto, galgando um monte a pique, com degráus circulares, onde penavam almas do purgatorio e saiu "*a riveder le stelle*".

No cimo do monte desappareceu Virgilio, substituindo-o no encargo de guia, a meiga Beatriz.

Alem, o empyreo, onde numa rosa branca, em nove ordens de petalas, estavam distribuidos os "eleitos".

Ao centro resplandecia uma luz maravilhosa: — Deus!

Nos ultimos cantos do paraizo, ascendeu Beatriz ao solio intangivel a irradiar o seu nono e ultimo sorriso longinquo, de bemaventurança e despedida.

E o poeta, sob os auspicios de S. Bernardo, com este se elevou até a suprema luz.

Em successivas transfigurações, foi esteriotypada Beatriz: apaixonada, na "Vida nova";—hieratica, no "Banquete"; —piedosa, no "Limbo";—triumphal, no "Purgatorio", e —alfim, celestial, no "Paraizo".

Da região do Fogo ao Empyreo, foi o paraizo perlustrado, por Beatriz a iniciar seu laureado cantor em mysticos ensinamentos, em dulçorosa viagem de nupcias espirituaes, pelo ignoto a que se alçava, de esphera a esphera e de estrella a estrella.

O primoroso lapidario florentino, em seus impeccaveis tercettos, foi o inspirado modelador do paraizo catholico romano do monotheismo christão, assim como o legendario poeta helleno, em suas admiraveis rhapsodias, foi o arrojado concatenador do Olympo grego do polytheismo pagão.

Traçou Dante o seu poema eterno errando, de pouso em pouso, a se acolher, ora, em Senna, já em Verona, mais tarde em Paris, cuja universidade frequentou e, por fim, em Ravenna.

Os que governavam Florença para reparar a proscripção de Dante, se promptificaram a repatrial-o e lhe restituir os haveres, si elle se declarasse perdoado.

Este em 1316, aos seus cincoenta e um annos de idade, num assomo de altiva e polida indignação recusou.

Da sua memoravel carta, em latim, vai traduzido esse dignificante trecho:

«Por tal caminho não se regressa á patria; mas, se achardes outro que não signifique traição á fama e a honra de Dante, não me demorarei em seguil-o, e, si por esse caminho, não se entra em Florença, nunca mais entrarei em Florença.»

Por essa resposta digna, serena, contra elle expediram os florentinos outro decreto de banimento.

Em Ravenna morreu Dante aos cincoenta e seis annos de idade, de regresso de Veneza, aonde fôra como embaixador de Guido Novello, senhor de Ravenna que celebrou seus funeraes e em seguida foi constrangido a fugir para Bolonha.

Depois da fuga deste o cardeal Poggetto marchou sobre Ravenna, de ordem do papa João, para exhumar os

ossos de Dante e dispersal-os, o que não conseguiu ante a energica defesa dos filhos de Guido.

Nem seus restos mortaes conseguiram descançar em paz, na tumba!

Sobre estes poderia ser lançado o epitaphio ditado por Napoleão cinco seculos mais tarde:—*Hic cineres, universo nomen.* Aqui as cinzas, no universo o nome.

Commemorou a humanidade neste anno de 1921 o VI centenario do passamento de Dante Alighieri.

Pareceria mais natural rememorar, em vez dessa data funebre, sua alviçareira data genethliaca.

Entretanto, emquanto a indecisa data inicial do seu viver recorda, apenas, o roseo dealbar duma risonha esperança, sua data terminal relembra o magnifico occaso de uma portentosa realidade!

Si o seu dia primeiro, numa esmaecida alvorada, lhe descerrou a estrada ingreme da vida, o seu dia ultimo, numa verdadeira apotheose, desvendou sua ascensão radiante ao glorioso Calvario da immortalidade.

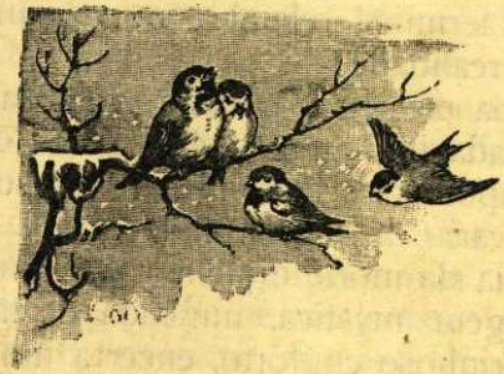
E' que o dia da morte é melhor que o do nascimento.

Esta passagem mystica, nimbada de tão doce suavidade, de tão carinhoso conforto, encerra um conceito profundamente verdadeiro.

E tão geral, tão espontanea é a convicção da justeza desse asserto que, d'um a outro extremo da terra, num concerto mundial, foi glorificado Dante, precisamente na solemnisação do VI centenorio da sua evolação para o alem.

Imprimir o nome do autor da "Divina Comedia" na tela dos corações humanos, depositar na consciencia collectiva uma recordação de Dante que seja uma legenda de luz, conserval-a accesa no ciborio dos sentimentos, como a lampada de um templo augusto, alimental-a sempre com o oleo santo do reconhecimento ao merito, tal é a missão da posterieade.

"Onorate l'altissimo poeta."



Actas

das

Sessões

do

Centro Matto-Grossense de Letras

ACTA DA SESSÃO DE FUNDAÇÃO

Aos vinte e dois dias do mez de Maio do anno de mil novecentos e vinte e um, reuniram-se, pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, para cogitarem da fundação de um centro de letras com séde em Cuyabá, capital deste Estado de Mato-Grosso, os srs. desembargador José Barnabé de Mesquita, Lamartine Ferreira Mendes, João Barbosa de Faria, Estevão de Mendonça, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Carlos Gomes Borralho, Cesario da Silva Prado, Franklin Cassiano da Silva, João Cunha, Virgilio Alves Corrêa e Philogonio de Paula Corrêa.

Iniciada a sessão, foi desde logo acclamada a mesa que deveria, provisoriamente, presidir aos trabalhos da fundação do Centro. A mesa ficou sendo constituida pelos srs. desembargador José de Mesquita, Lamartine F. Mendes e João Barbosa. Assumiu, tambem por acclamação, a presidencia da mesa provisoria, o sr. desembargador José de Mesquita, que, em phrases conceituosas, se congratulou com os seus confrades, pela concretisação da idéa da formação de um centro de literatura e de arte, cuja falta era bem de notar em nosso meio social, proferindo a seguinte allocução:

Meus caros amigos:

Tomamos a liberdade de convocar-vos para esta reunião afim de trocarmos idéas attinentes á organisação de um "Centro de Letras", na nossa Capital, destinado, como o seu proprio nome está a dizer, a concentrar as actividades dispersas dos raros que, entre nós, amam e cultivam a nobre arte da palavra escripta.

Com viva satisfação constatamos não ter cahido a semente em terreno sáfaro e a selecta presença de elementos de destaque na nossa sociedade a esta sessão preliminar é um estimulo, equivale a uma confortadora esperança aos que, de ha tempos, se vêm empenhando neste tentamem que, a espiritos desalentados e pessimistas se prefigurava arrojado e inexequivel. Desde 1916, ha cinco annos, portanto, que esta idéa nos vem povoando de illusões o espirito, enchendo a mente de acariciadoras esperanças:—já nessa occasião, num dos orgãos de publicidade que então se editavam nesta cidade, diziamos num surto profetico de visionario: «Em um meio como o nosso, onde a mais rudimentar intuição de solidariedade social desapparece nas crises agudas e periodicas que assignalam os cataclismos politicos, impõe-se imperiosa e inadiavel a necessidade de um centro intellectual que congregue e aproxime o escól do pensamento, a aristocracia das idéas, servindo, assim, permitta-se-nos a expressão, de um cadinho que faça fundir num só ideal superior e collectivo as multiplas aspirações da classe pensante, separada pelos interesses egoistas e occasionaes» E, mais adiante, esboçando, em largos traços, o programma da sociedade em perspectiva: «Parece mesmo que a constituir-se entre nós, uma sociedade dessa ordem fôra mister dar-lhe, na organização, uma amplitude de horisontes, um programma muito mais vasto que os das congeneres existentes no paiz». E, accentuando que seria inocua a acção de um centro que se propusesse simplesmente a aproximar os pensadores e artistas, sem um cunho de praticidade e de acção, concluia: «Uma sociedade desse genero tem forçosamente de inscrever no seu programma inicial certos problemas de cuja solução depende, de certa forma, a propria existencia da mesma sociedade. Esses problemas são: a guerra ao analphabetismo, a diffusão da cultura geral nas diversas camadas sociaes, o estudo dos nossos homens de letras, na sua vida e nas suas creações, a propaganda das suas obras literarias e artisticas, emfim tudo quanto diz respeito á creação de um ambiente intellectual na nossa sociedade, tão descurada até hoje desses assumptos. Promover e desenvolver, por meio de saráus artisticos, o amor, o culto da arte no nosso povo; diffundir, dentro e fóra do Estado, trabalhos originaes de conterraneos nossos, crear uma revista literaria que sirva de vehiculo á transmissão desses ideaes superiores que reformam o sentimento collectivo e impulsionam o progresso; facilitar a publicação de obras ineditas, estabelecer premios que sirvam de estimulos

aos trabalhos dessa natureza,—que vasto, que bello campo para a actividade dos nossos patricios que, ainda que poucos, se interessam pelas cauzas do pensamento !

A idéa que era a nebulosa priméva corporifica-se hoje, e passa de pura abstracção fantasista ao dominio das cousas reaes. Este pugilo de enthusiastas que accorreram ao nosso appello, anima-nos sobremodo, incute-nos a certeza previa da victoria. Somos poucos, mas decididos e ardorosos na defeza dos nossos ideaes e dispostos a não deixar apagar-se o *fogo sagrado* do enthusiasmo que crea, da constancia que mantem, da vontade que triumpha. Mãos á obra,—portanto, e o futuro dirá si a tarefa digna a que hoje mettemos hombros não é merecedora do apoio sincero e ardoroso de todos os homens de boa vontade.»

Após as palavras do orador, que foram cobertas de applausos, discutiram-se as bases geraes sobre que seriam calcados os estatutos do Centro de Letras. Encerradas e approvadas as discussões, pelos presentes foi acclamada uma commissão, que se incumbiria da elaboração dos Estatutos, ficando a referida commissão constituida pelos nomes componentes da mesa provisoria.

Uma das bases geraes approvadas para a confecção dos Estatutos, foi a de que o Centro se comporia de vinte e quatro membros, doze dos quaes seriam fundadores, cabendo a todos, cada um por seu turno, a escolha de um nome representativo ligado á nossa cultura, sobre o qual apresentará um trabalho escripto.

Pelos socios fundadores foram escolhidos para estudos os nomes seguintes: Antonio Corrêa da Costa, Barão de Melgaço, Couto de Magalhães, Frederico Prado, João Severiano da Fonseca, José Delphino da Silva, José Estevão Corrêa, José Manoel de Siqueira (Pe.), Ramiro de Carvalho, Ricardo Franco, Vieira de Almeida e Visconde de Taunay.

Tambem ficou estabelecida a creação de uma cathegoria de socios correspondentes, em numero illimitado.

Estabeleceu-se, outrosim, que os doze socios que com os fundadores formariam o numero de vinte e quatro socios effectivos deviam ser propostos pelos socios fundadores, ficando entretanto, a sua acceitação sujeita á approvação que se fará mediante maioria de votos tomados por escrutinio secreto.

Pelo sr. Presidente foi nomeada uma commissão para a escolha dos doze nomes representativos a serem escolhidos pelos doze socios effectivos não fundadores. Esta commissão ficou composta pelos srs. Estevão de Mendonça, Virgilio Alves Corrêa e Philogonio de Paula Corrêa.

O exmo. e revmo. sr. d. Aquino Correa, tendo sido convidado pela commissão promotora da reunião accedeu em fazer parte dos socios fundadores do Centro, declarando, porém, não lhe ser possivel comparecer á sessão inaugural, pelo que o sr. presidente da mesa provisoria, ao fazer essas declarações, apresentou aos seus confrades as excusas de S. Exma. Revma.

Pedindo e obtendo a palavra, o sr. Estevão de Mendonca propoz fosse inserida na acta a allocução proferida, ao assumir a presidencia, pelo sr. desembargador José de Mesquita. A proposta foi unanimemente approvada.

Nada mais havendo a tratar-se, o sr. Presidente agradeceu em seu nome e no dos seus companheiros de meza provisoria a confiança de que haviam sido alvos e o comparecimento dos associados; após o que declarou encerrada a sessão.

(a a) *Francisco, Bispo de Prusiade, José de Mesquita, João Barbosa de Faria, Lamartine F. Mendes, Estevão de Mendonça, João Cunha, Virgilio Corrêa Filho, M. C. Oliveira Mello, Philogonio de Paula Corrêa, Cesario C da Silva Prado, Carlos Gomes Borralho, Franklim Cassiano da Silva.*

ACTA

DA

SEGUNDA SESSÃO PREPARATORIA

Aos cinco dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e vinte e um, reuniram-se, em segunda sessão preparatoria do Centro Mato-Grossense de Letras, pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, os srs. desembargador José de Mesquita, Lamartine F. Mendes, João Barbosa, Estevão de Mendonça, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Carlos Gomes Borralho, João Cunha, Virgilio Alves Corrêa e Philogonio de Paula Corrêa.

Assumindo a presidencia da mesa provisoria, o sr. desembargador José de Mesquita declarou aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, pela commissão nomeada para a escolha dos doze nomes representativos a serem escolhidos pelos doze socios effectivos não fundadores foi apresentada a lista dos nomes alludidos, a qual foi unanimemente approvada.

Essa lista é constituida dos seguintes nomes: Amancio Pulcherio de França, Pe. Ernesto Camillo Barreto, Francisco Catharino, Joaquim Mendes Malheiros, Joaquim Murtinho, José Barbosa de Sá, Pe. José da Silva Guimarães, José Thomaz, Luiz de Alincourt, Manoel Espiridião, Pimenta Bueno e Veiga Cabral.

Pelo sr. Lamartine F. Mendes foram lidas tres proposta apresentadas para socios effectivos do Centro. A primeira destas propostas foi feita pelo sr. Estevão de Mendonça, e é do theor seguinte: Os signatario vêm propor para socios effectivos do Centro de Letras, de accordo com as bases dos estatutos, os seguintes nomes: Ulysses Cuyabano, nascido nesta capital, maior, professor, Anna Luiza Prado, nascida nesta capital, maior, professora publica. O primeiro dos propostos tem collaborado com brilho na imprensa regional e é autor de inspiradas producções em prosa e verso: a segunda tem igulmente collaborado na imprensa, e è sem duvida um dos mais bellos espiritos da geração feminina actual, no nosso meio, e honrará o quadro dos socios effectivos do Centro de Letras. Cuiabá, 28 de Maio de 1921». (a) Estevão de Mendonça, M. C. Oliveira Mello, José de Mesquita, João Cunha, João Barbosa, Borralho.

A segunda proposta, referente ao nome do sr. dr. Palmyro Pimenta, foi feita pelo sr. desembargador José de Mesquita, nos seguintes termos. «Propomos o sr. dr. Palmyro Pimenta para socio effectivo do Centro Matto-Grossense de Letras. Figura representsativa da nova geração matto-grossense pelas suas brilhantes qualidades intellectuaes já affirmadas na imprensa, o proposto se encontra em condições de pertencer á novel associação literaria, que muito poderá esperar do seu talento e da sua dedicação. Cuiabá, 1 de Junho de 1921.» (a) José de Mesquita, Virgilio A. Carrêa Filho, Estevão de Mendonça, João Cunha, J. Barbosa.

Eis a redacção da terceira proposta, feita pelo sr. Virgilio A. Corrêa Filho: Ao raiar do presente seculo, atravessou os prelos um livro de versos, cujo nome delatara a orientação literaria do auctor, o seu carinho pela arte, de que se considerava devotado sacerdote. Appareceu, e tão "O Tabernaculo", precedido dos rasgados gabos com que o recebeu o formoso espirito de Clovis Bevilaqua. Aquilatado em bôa conta por tamanha auctoridade, o poeta poderia ufanar-se da estrèa brilhante e continuar a servir, com o seu estro peregrino, o culto sublime em que se iniciara tão promettedoramente. Procedimento diverso não teve o autor, A. Cavalcanti, cujas occupações forenses não o impediram de conversar as musas, nas breves folgas de que dispunha. Assim é que, além de varias poesias avulsas, publicadas nas folhas ephemeras das gazetas, ou mantidas ainda ineditas, tem posto em verna-

culo os impeccaveis poemas de Leconte de Lisle, conservando-lhe aos versos a mesma hieratica e singular nobreza, em que se extremou o glorioso parnasiano.

Ninguem, portanto, estará em melhores condições de contribuir para o prestigio e engrandecimento do Centro Matto-Grossense de Letras, do que o desembargador Augusto Cavalcanti, cujas credenciaes avultam em numero e qualidade.

Propomol o, pois, para socio effectivo. Cuyabá, 5 de Junho de 1921». (a) Virgilio A. Corrêa Filho, José de Mesquita, Estevão de Mendonça, João Cunha, J. Barboza.

Todas essas propostas foram approvadas por unanimidade de votos. A commissão acclamada para a elaboração dos Estatutos ficou de apresental-os á apreciação dos associados na primeira sessão que se convocar.

Pelo sr. presidente foi marcada nova reunião que se realizará no dia dezenove do corrente, no mesmo local e hora designados para a presente reunião.

Noda mais havendo a tratar-se, foi encerrada a sessão.

(a a) *José de Mesquita, João Barbosa de Faria, Lamartine F. Mendes, Estevão de Mendonça, João Cunha, Virgilio A. Corrêa Filho, M. C. Oliveira Mello, Augusto Cavalcanti de Mello, Ulisses Cuyabano, Palmyro Pimenta, Philogonio de Paula Corrêa, Franklin Cassiano da Silva.*

ACTA

DA

TERCEIRA SESSÃO PREPARATORIA

Aos desenove dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e vinte e um, reuniram-se, pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, os srs. desembargador José de Mesquita, João Barbosa de Faria, Lamartine F. Mendes, Estevão de Mendonça, Philogonio Corrêa, Oliveira Mello, João Cuiaba, Franklin Cassiano, Virgilio Corrêa Filho, desembargador Augusto Cavalcanti, Palmyro Pimenta e Ulisses Cuyabano.

Assumindo a presidencia da mesa provisoria o sr. desembargador José de Mesquita declarou aberta a sessão.

Em seguida, nomeou e designou uma commissão composta dos srs. Estevão de Mendonca, Virgilio Corrêa Filho e Franklim Cassiano, para introduzir no recinto os socios propostos e acceitos na sessão anterior, presentes á sessão, os srs. desembargador Augusto Cavalcanti, Palmyro Pimenta e Ulisses Cuyabano Acompanhados daquelles, tomaram estes, desde logo, os logares que lhes eram designados entre os seus consocios.

Lida a acta da sessão passada, foi a mesma approvada.

EXPEDIENTE.—Pelo sr. Lamartine F. Mendes foi lido um officio dirigido pelo sr. desembargador Augusto Cavalcanti aos srs. Presidente e mais membros da mesa provisoria do Centro Mato-Grossense de Letras, e que é do theor seguinte: "Tenho a honra de accusar em meu poder o officio de 9 do fluente, no qual V.V. E.E. me communicam que em reunião desse Centro, effectuada a 5 do corrente mez, fui proposto e eleito, por unanimidade de votos, socio effectivo desse gremio literario; e passo a responder. Agradecendo os suffragios com que vos dignastes distinguir-me, elegendo-me socio effectivo dessa Associação. cumpre-me ao mesmo tempo vos fazer scientes de que não me é possivel acceitar esse posto, aliás para mim muito honroso,senão com certas restricções. Os arduos deveres inherentes ás minhas funcções de magistrado, a idade e o meu estado de saude, nem sempre lisongeiro, são outros tantos motivos pelos quaes não me é dado, como desejava, prestar todo o meu fraco, mas expontaneo concurso em prol da prosperidade e do engrandecimento de tão nobre Instituição. A minha cooperação, em vista das razões indicadas, apenas pode ter logar na parte relativa á Revista ou jornal, que vier a ser creado como orgão da publicidade dos trabalhos literarios dos consocios, no caracter de collaborador. Somente nestes termos e com isenção de qualquer cargo, commissão ou incumbencia concernente á organização e attribuições sociaes, em suas diversas modalidades, como a de comparecer e tomar parte nas deliberações da Assembléa, somente deste modo dizia, poderei prestar á Sociedade a minha humilde collaboração. Acceitae, com os meus agradecimentos, as seguranças do meu grande apreço e distincta consideração. Cuyabá, 10 de Junho de 1921. (a) Augusto Cavalcanti de Mello."

Pelo mesmo sr. Lamartine F. Mendes foram lidas duas propostas apresentadas para socios effectivos do Centro. a primeira destas propostas foi feita pelo sr. desembargador José de Mesquita, nos seguintes termos: "Entre as figuras de escol da intellectualidade patricia sobreleva em notavel destaque, já pelas qualidades que lhe exornam o espirito, já pelo tirocinio respeitavel e brilhante,— o coronel José Magno da Silva Pereira. Labutando de longa data nos arduos prelios da imprensa, na sua feição de polemica partidaria ou no seu aspecto puramente doutrinario, impoz-se o coronel José Magno desde logo, no nosso meio, como uma individualidade superior pois ao surgir para as pugnas jornalisticas, viera já armado cavalheiro, de elmo e

arnez, desferindo a invencivel espada da dialectica, rija e segura. Os seus profundos conhecimentos da lingua patria, hauridos em bôas fontes latinas e classicas, deram-lhe essa plasticidade de forma escorreita e nobre, que é o apanagio dos seus escriptos e, por outro lado, sua larga experiencia dos homens e cousas matogrossenses, habilitou-o a dizer de cadeira acerca dos mais palpitantes assumptos que têm empolgado a opinião publica entre nós, desde as ultimas décadas do Imperio. Decano do nosso Magisterio, que professou sempre qual dedicado sacerdocio, devem-lhe as novas gerações, em boa parte, as sabias licções de Portuguez e Literatura Nacional, disciplinas essas em que elle é, indiscutivelmente, um Mestre, na mais ampla accepção do vocabulo. Senhor de taes titulos de nobiliarchia intellectual, apresentando tão nobres credenciaes, é bem de se vêr que do seu ingresso podem advir á nova sociedade literaria grande honra e brilho indiscutivel. Propomos, portanto, para socio effectivo do "Centro Mato-Grossense de Letras" o sr. Coronel José Magno da Silva Pereira. Cuyabá, 15 de Junho de 1921. (a) José de Mesquita, Estevão de Mendonça, João Cunha, Franklin C. da Silva, Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa, J. Barbosa e M. C. Oliveira Mello."

A segunda proposta, referente ao nome do sr. Octavio Cunha, foi pelo sr. Lamartine F. Mendes assim redigida: "Propomos para socio effectivo do Centro de Letras, de accordo com as bases dos Estatutos, o exmo. sr. dr. Octavio Cunha Cavalcanti. Octavio Cunha, que assim são assignadas as suas producções literarias, não é um novo na arena das letras. Espirito fulgurante de inspirado parnasiano, é uma das figuras proeminentes da "Officina Literaria" do Recife, capital do Estado de Pernambuco. Bastará, para aquilatarmos do merito artistico do poeta o cartão que, como justificativa, juntamos á presente proposta. Esse postal, illustrado com o retrato do proposto, nas suas insignias de bacharel em direito, faz parte de uma collecção mandada executar pelos seus collegas, em commemoração á formatura do belletrista. Cada exemplar da colleção traz, ao lado do retrato, um soneto da serie intitulada "Maldição", da lavra do artista. O soneto constante desse postal é o segundo da alludida serie. Eil-o:

MALDIÇÃO — II

(A Olavo Bilac)

Sob o teu negro olhar seja o meu verso a affronta
que ao teu presente insulta e o teu crime propaga;
haja nelle o rumor, que, no alto mar desponta
de uma vaga a bater de encontro a outra vaga.

Tenhas n'alma o remorso e chore est'alma tonta....
Converta-se o alvo dia em rude noite aziaga!
Que heide, firme, desfiar, assim, conta por conta,
um rosario pagão de maldições e praga.

Toda a recordação do passado accumula!....
Talhe brusca thesoura á mortalha de assombros
para o sonho que eu vou depositar na tumba.

Ah! foste o rito ideal do meu affecto pulchro....
E hoje és, por tua culpa, uma estatua entre escombros,
ou o cadaver do amor que eu joguei num sepulchro.

Versos como estes somente um poeta os faz. Octavio Cunha honrará o Centro. Cuyabá, 18 de Junho de 1921. (a) Lamartine F. Mendes, Estevão de Mendonça, João Cunha, Augusto Cavalcanti de Mello, V. Corrêa Filho, José de Mesquita, J. Barboza, Palmyro Pimenta, M. C. Oliveira Mello.

Pela commissão acclamada para a elaboração dos Estatutos foram estes apresentados em mesa. Passando-se á primeira discussão englobada dos artigos dos Estatutos, foram aos mesmos apresentadas duas emendas: a primeira pelo sr. Philogonio Corrêa, e a segunda pelo sr. Estevão de Mendonça: aquella, assim redigida: "Que seja assim redigido o art. 3.º no seu § 2.º § 2.º—E' condição para a investidura de socios effectivos ter residencia nesta capital"; e esta redigida assim: "Ao art. 13.º § unico, acc.: ou a requerimento de dous ou mais socios effectivos". Approvadas as emendas para que sejam discutidas como parte integrante do projecto cujos artigos serão, por sua vez, em separado discutidos na proxima sessão. Pelo sr. presidente foram dirigidas palavras de congratulações aos novos socios. Os srs. desembargador Augusto Cavalcanti e Palmyro Pimenta agradeceram as saudações que lhes foram feitas.

Nada mais havendo a tratar se, foi encerrada a sessão.

(a a) *José de Mesquita, João Barbosa de Faria, Lamartine F. Mendes, Franklin C. da Silva, Anna Luiza da Silva Prado, João Cunha, José M. da Silva Pereira, Ulysses Cuyabano, Palmyro Pimenta, M. C. Oliveira Mello, Virgilio Corrêa Filho, Cesario C da S. Prado, Estevão de Mendonça.*

ACTA

DA

QUARTA SESSÃO PREPARATORIA

Aos tres dias do mez de Julho do anno de mil novecentos e vinte e um, reuniram-se, pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, os srs. desembargador José de Mesquita, J. Barbosa de Faria, Lamartine F. Mendes, Franklin C. da Silva, senhorita Anna Luiza da Silva Prado, João Cunha, José M. da S. Pereira, Ulysses Cuyabano, Palmyro Pimenta, M. C. Oliveira Mello, V. Corrêa Filho, Cesario C. da Silva Prado e Estevão de Mendonça.

Assumindo a presidencia da mesa provisoria o sr. desembargador José de Mesquita declarou aberta a sessão.

Em seguida, designou e nomeou uma commissão composta dos srs. Oliveira Mello, Cesario Prado e Ulysses Cuyabano, para introduzir no recinto os socios propostos e acceitos na sessão anterior, presentes á sessão, o sr. Josè Magno da Silva Pereira e a exma. senhorita Anna Luiza da Silva Prado.

Acompanhados da commissão, tomaram os novos socios, desde logo posse dos logares que lhes eram designados.

Lida a acta da sessão passada, foi a mesma approvada

Pedindo e obtendo a palavra, o sr. José Magno da Silva Pereira proferiu sobria e conceituosa allocução allusiva ao acto da sua posse, após á acceitação unanime que teve entre os seus consocios, o que agradecia, promettendo esforçar-se pela prosperidade do Centro.

EXPEDIENTE.—Pelo sr. Lamartine F. Mendes foi lido um officio dirigido pelo sr. José Magno aos srs. Presidente e mais membros da mesa provisoria do Centro Mato-Grossense de Letras, e que é do teor seguinte: "E' com subida honra que accuso recebido o attencioso officio de V.V. E.E., de 19 do corrente, pelo qual se dignaram de communicar-me que em reunião desse illustre Centro, effectuada naquella mesma data, fui proposto e eleito, por unanimidade de votos, socio effectivo dessa aggremiação literaria. Cabe-me em resposta, agradecer, como agradeço, tão elevada distincção dispensada a minha obscura pessoa, confessando-me tanto mais reconhecido, quão longe estou de a merecer. Velho e retirado á vida privada, como me acho, e, alêm disso, destituido de saber, não devo nem posso, attribuir senão á extrema generosidade da conspicua assembléa, por V.V. E.E. representada, a lembrança e acceitação do meu nome para fazer parte de uma tão preclara associação como é a de que se trata, que aliás nada terá que lucrar com a minha inutil collaboração. Resta-me externar-lhes os sinceros votos que faço pela prosperidade sempre crescente da novel associação, da qual muitos e reaes proveitos è de esperar que advenham para a nossa amada terra commum, creando ella aos seus fundadores justos titulos de benemerencia. Sirvo-me do ensejo para, retribuindo, affirmar-lhes meus protestos de alta estima e distincta consideração. De V.V. E.E. Attencioso patricio e amigo (a) Josè Magno da Silva Pereira.

Pelo mesmo sr. Lamartine F. Mendes foram lidas quatro propostas apresentadas para socios effectivos do Centro.

A primeira destas propostas foi feita pelo sr. desembargador José de Mesquita, nos seguintes termos. "Nas festas que se realizaram no Rio de Janeiro, em 9 de Fevereiro de 1903, commemorativas da confraternização da mocidade brasileira e paraguaya e promovidas pela Federação dos Estudantes Brasileiros, revelou-se um moço matto-grossense, pronunciando em nome da Escola Militar, de que era alumno, notavel discurso que toda a imprensa carioca recebeu com calorosos elogios

augurando brilhante carreira ao jovem orador. Referindo-se a esse facto que veio, mais uma vez por em destaque o nome matto-grossense, disse o dr. Ricardo Brugada então encarregado de negocios da visinha Republica: "Aquino Corrêa és um joven de porvenir que se distingue entre sus compañeros por sus excellentes ensayos literarios, serio comportamiento y talento precóz". Não desmentiu os vaticinios o então alumno da Escola de Guerra. Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa apurou e aperfeiçoou, com o correr dos annos, o seu gosto pelas letras, constituindo prova sobeja deste asserto a sua brilhante e assidua collaboração em varias revistas academicas e literarias do Rio, S. Paulo, Curitiba e Porto Alegre, onde, na sua carreira militar, residira temporariamente. Orador fluente e imaginoso, alma de poeta, aberta ás emoções superiores do Bello, os seus discursos e os seus escriptos mantêm o culto da Forma como um rito de Arte e nuns e noutros, transparece o seu espirito attico e primoroso que honra a actual geração mato-grossense. Convencidos de que muito terá o nosso Gremio a ganhar da sua cooperacão intelligente e dedicada, propomos o sr. major Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa para socio effectivo do Centro Mato Grossense de Letras. Cuyabá, 25 de junho de 1921. (a) José de Mesquita, Estevão de Mendonça, J. Barboza, V. Corrêa Filho, Lamartine F. Mendes, Franklin C da Silva, M. C. Oliveira Mello, João Cunha, Palmyro Pimenta, Ulysses Cuyabano e Cesario C. da Silva Prado".

A segunda proposta foi, pelo sr. Virgilio Corrêa Filho concebida nos termos seguintes: Propomos para socios effectivo do Centro MattoGrossense de Lettras o Professor Leowigildo Martins de Mello. Posto houvesse applicado a sua actividade intellectual a outros fins, assiste-lhe claros direitos de pertencer ao nosso Gremio. Formado na mesma Escola de onde sahiram, feitos normalistas, os brilhantes espiritos de Adalgiso Pereira, prematuramente desapparecido, de Sud Menucci, poeta de elevada inspiração, de Leo Vaz, romancista á maneira de M. de Assis, e tantos outros a quem a fama befejou, Leowigildo de Mello tambem se dedicou de preferencia ao magisterio, grangeando os louros de haver iniciado em Matto-Grosso os processos de ensino analitico. Que, porem, não restringiu a sua intelligencia ao exclusivismo da nobre profissão escolhida, documenta expressivamente a assiduidade com que tem collaborado na imprensa local, seja como polemista, seja como doutrinario. Egresso do magisterio, poderá com mais frequencia entregar-se ao convivio em que já privava com as bôas letras, assim trabalhando em prol do Centro Matto-Grossense, que se propoz cultival-as. Cuyabá, 30 de Junho de 1921. (a) V. Corrêa Filho José de Mesquita, M. C. Oliveira Mello, João Cunha, Estevão de Mendonça, J. Barbosa, Palmiro Pimenta, Ulyses Cuyabano Cesario C. da S. Prado e Franklin C. da Silva".

A terceira proposta foi da seguinte maneira redigida pelo sr. Cesario C. da S. Prado: "Os abaixo assignados apresentam para socio effectivo do Centro Matto-Grossense de Letras" o jovem poeta conterraneo José Raul Villá, cujo poema "Rondonia" obteve favoravel e elogiosa critica do inclito escriptor João Ribeiro. Sala do Centro Mato-Grossense em Cuyabá, 3 de Julho de 1921. (a) Cesario C. da Silva Prado, Lamartine F. Mendes, V. Corrêa Filho, Franklin C. da Silva, José de Mesquita, Estevão de Mendonça, Ulysses Cuyabano e J. Barbosa".

Eis, finalmente o têor da quarta proposta, elaborada pelo sr. Estevão de Mendonça: "Na forma dos respectivos estatutos, embora ainda não approvados, propômos o dr. Manoel Paes de Oliveira para socio effectivo do Centro de Letras. Desnecessaria se faz qualquer justificativa que possa amparar a presente proposta. O dr Manoel Paes de Oliveira é o verdadeiro fundador da Bibliotheca Publica do Estado, e o seu amor ás letras ficou entre nós plenamente demonstrado com a publicação da revista "A Nova Epoca". E' o segundo matogrossense a quem foi concedido o diploma de socio correspondente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, è membro activo do Gremio Literario do Paraná. Por tantos e tão valiosos titulos, o proposto merece o mais fidalgo acolhimento entre nós. Cuyabá, 3 de Julho de 1921. (a) Estevão de Mendonça, Josè de Mesquita, V. Corrêa Filho, Lamartine F. Mendes, Cesario C. da Silva Prado Ulysses Cuyabano, Franklin C. da Silva e J. Barbosa".

Após à leitura das propostas procedeu-se a segunda discussão dos Estatutos, até ao artigo quinto, occasião em que foi suspensa a discussão, devido ao adiantado da hora.

Ficou marcada para a proxima sessão a continuaãão da discução dos demais artigos dos Estatutos.

Pelo sr. presidente foram dirigidas palavras de congratulações aos novos socios admittidos.

Nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão.

(aa) *José de Mesquita, João Barboza de Faria, Lamartine F Mendes, Anna Luiza da S. Prado, Cesario C. da S. Prado, Palmyro Pimenta, Octavio Cunha, L. Martins de Mello, Virgilio C. Filho, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Estevão de Mendonça e Franklin C. da Silva,*

ACTA

DA

QUINTA SESSÃO PREPARATORIA

Aos dezesete días do mez de Julho do anno de mil novecentos e vinte um, reuniram-se, pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, os srs. desembargador José de Mesquita, João Barbosa, Lamartine Mendes, exma. srta. Anna Luiza Prado, Cesario Prado, Estevão de Mendonça, Palmyro Pimenta, Octavio Cunha, Leowigildo de Mello, Franklin Casiano, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa e Virgilio Corrêa Filho.

Assumindo a presidencia da mesa provisoria o sr. desembargador José de Mesquita declarou aberta a sessão.

Em seguida, designou e nomeou uma commissão composta dos srs. Virgilio Corrêa Filho, Cesario Prado e Palmyro Pimenta, para introduzir no recinto os socios propostos e acceitos ultimamente, presentes á sessão, os srs. Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Octavio Cunha e Leowigido de Mello.

Acompanhados da commissão, tomaram os novos socios, desde logo posse dos logares que lhes eram designados.

Lida a acta da sessão anterior, foi a mesma approvada.

EXPEDIENTE.—Pelo sr. Lamartine F. Mendes foram lidos dois officios dirigidos aos srs. presidente e mais membros da mesa provisoria.

O primeiro trazia a assignatura do sr. José Raul Vilá, e era do têor seguinte: "De posse hoje do vosso gentilissimo officio de 6 do fluente, em que me communicaes ter sido proposto e eleito, em sessão do dia 3, socio effectivo do Centro Matto-Grossense de Letras, venho sinceramente manifestar-vos meus cordiaes agradecimentos, não só pela delicadeza das expressões contidas em vosso officio, mas principalmente pela honra, tão alta quão immerecida, com que acabaes de cumular-me.

Apezar de conscio da minha desvalia, é-me grato affirmar que despenderei todos os meus esforços afim de tornar-me digno, ao menos da convivencia pessoal, si não da literaria, de tão notaveis confrades, indo opportunamente tomar posse da cadeira para que me elegestes. Sirvo-me da feliz opportunidade para apresentar-vos as minhas respeitosas saudações. Cuyabá, 8 de Julho de 1921." (a) José Raul Vilá.

O segundo, assignado pelo sr. Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa era assim redigido: "Accusando o recebimento do vosso officio, sobremodo gentil, em que vos dignastes communicar-me a unanime e mui honrosa indicação do meu nome para socio effectivo dessa novel e futurosa aggremiação literaria, em cujo seio já se contam lidimos e notaveis representantes da intellectualidade literaria em nosso Estado, cabe-me testemunhar aqui, ao "Centro Matto-Grsssense de Letras", o meu forte reconhecimento por tão lisongeiro quão immerecido gesto. Não obstante affastado completamente, por affazeses outros, das lides literarias, que procurei outr' ora acompanhar com enthusiasmo e empenho, sirva-me essa nobilitante eleição de novo estimulo para voltar reanimado ao convivio das letras. Em tão animadora e instructiva companhia, estou certo, farei compensadores progressos. Deparando-me o ensejo, approveito-o para assegurar-vos os meus sentimentos de alta consideração e muito apreço. Saudações cordiaes. Cuyabá, 14 de Julho de 1921". (a) J. G. Aquino Corrêa.

Pelo mesmo sr. Lamartine Mendes, foram igualmente lidas duas propostas para socios effectivos do Centro. A primeira destas foi feita pela exma. senhorita Anna Luiza da Silva Prado, nos seguintes termos: "Propomos para socio effectivo deste

Centro, o sr. Antonio Fernandes de Souza, que de longa data collabora na imprensa periodica local como redactor de varios orgãos tendo tambem publicado alguns trabalhos avulsos reveladores de sua actividade intellectual em assumpto de historia mato-grossense. Sala do Centro de Letras em Cuiabá, 17 de Julho de 1921. (a) Anna Luiza da Silva Prado, Estevão de Mendonça, Lamartine F. Mendes, Palmyro Pimenta, Virgilio Corrêa Filho, José de Mesquita e J. Barbosa.

A segunda proposta era assim concebida: Propomos para socio effectivo do Centro Matto-Grossense de Letras o sr. dr. Manoel Xavier Paes Barreto. E' um dos cultores, entre nós, da difficil literatura juridica, e, como tal, a sua recepção pelo Centro se impõe. Sala das Sessões do Centro Matto-Grossense de Letras em Cuyabá, 17 de Julho de 1921". (a) Lamartine F. Mendes, Palmyro Pimenta, José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Estevão de Mendonça e J. Barbosa.

Após a leitura das propostas continuou-se a discussão dos Estatutos, do artigo 5.º em diante do respectivo projecto. Apresentaram-se varias emendas, sendo a discussão terminada afinal.

Pelo sr. presidente da mesa foi nomeada uma commissão que se incumbirá da redacção definitiva dos alludidos Estatutos. Essa commissão ficou composta dos srs. Virgilio Corrêa Filho, Cesario Prado e Leowigildo de Mello.

Pelo mesmo sr. presidente foram dirigidas palavras de congratulações aos novos socios admittidos e empossados, os quaes, por seu turno responderam commovidos. E, nada mais havendo a tratar-se, foi encerrada a sessão.

(a a) *José de Mesquita, João Barbosa de Faria, Estevão de Mendonça, Cesario C. da S. Prado, Virgilio Corrêa Filho, L. Martins de Mello, Octavio Cunha, João Cunha, Palmyro Pimenta, José Raul Vild, Antonio Fernandes de Souza, Philogonio de Paula Corrêa, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, José M. da Silva Pereira, Manuel Xavier P. Barreto, Franklin C. da Silva, Ulysses Cuyabano, Lamartine F. Mendes.*

ACTA

DA

SEXTA SESSÃO PREPARATORIA

Aos sete dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e vinte e um reuniram-se, pelas nove horas, no salão nobre do Palacio da Instrucção, os srs. desembargador José de Mesquita, Lamartine Mendes, J. Barbosa, Virgilio Corrêa Filho, Palmyro Pimenta, Octavio Cunha, Paes Barreto, Philogonio Corrêa, Josè Magno, Major Aquino, Cesario Prado, João Cunha, Estevão de Mendonça, Leowigildo de Mello, Antonio Fernandes, Franklin Cassiano, José Vila e Ulysses Cuyabano.

Assumindo a presidencia da mesa provisoria o sr. desembargador Josè de Mesquita declarou aberta a sessão.

Em seguida, designou e nomeou uma commissão composta dos srs. Estevão de Mendonça, Leowigildo de Mello e Ulysses Cuyabano para introduzir no recinto os socios propostos e ultimamente acceitos, presentes á sessão, os srs. Manoel Xavier Paes Barreto, José Raul Vilá e Antonio Fernandes de Souza.

Acompanhados da commissão tomaram os novos socios, desde logo, posse dos logares que lhes eram designados.

Lida a acta da sessão anterior, foi a mesma approvada.

EXPEDIENTE.—Pelo sr. Lamartine Mendes foi lido um officio dirigido aos srs. presidente e mais membros da mesa provisoria e que trazia a assignatura do sr. Manoel Xavier P. Barreto. Era do teor seguinte: "Com sincero desvanecimento annuncio recebido o officio sem numero, de 19 do andante, pelo qual se dignaram V.V. Excas. de communicar-me a approvação unanime, em sessão de 17 do fluente, da minha indicação para socio effectivo dessa futurosa aggremiação. Profundamente reconhecido pela significativa distincção pela qual fui guindado, do fundo sombrio da minha obscuridade, ao honroso posto de membro desse grandioso instituto, recebo-a como um nobre estimulo á minha desvalia, para collaborar nessa adiantada empresa e envidarei esforços para me tornar digno dessa munificiencia. Queiram V Excias., srs. presidente e mais membros da mesa provisoria desse Centro Literario, acceitar meus agradecidos protestos de real apreço e de mui distincta consideração e se dignar de os tornar estensivos aos demais associados que, nessa demonstração collectiva de sympathia (que não de merecimento), tanto me dignificaram com o seu suffragio amigo. Gratas e affectuosas saudações. Cuyabá, 22 de Julho de 1921. (a) Manoel Xavier P. Barreto".

Acto continuo, procedeu-se a leitura e discução da redacção defininitiva dos Estatutos apresentados a pela respectiva commissão, e que foram approvados.

O sr. desembargador José de Mesquita propoz, em nome da mesa provisoria, se acclamasse presidente de honra do Centro Mato-Grossense de Letras o exmo. sr. d. Francisco de Aquino Cosrêa.

Posta em votação, a proposta foi por maioria absoluta de votos; após o que se procedeu a eleição da directoria que regerá os destinos do Centro, definitivamente.

Foram eleitos: para presidente, o sr. desembargador José de Mesquita, por dezesete votos; para vice-presidente, o sr. Virgilio Corrêa Filho, por dezeseis votos: para 1.° secretario, o sr. Philogonio Corrêa, por onze votos; para 2.° secretario, o sr. Lamartine Mendes. por quinze votos; para thesoureira a exma. srta. Anna Luiza do Prado, por dezoito votos. Foram ainda votados para presidente o sr. José Magno da Silva Pereira,—um voto; para vice-presidente, o sr. Philogonio Corrêa,—um voto e o sr. Manoel Xavier Paes Barreto—um voto; para primeiro secretario,

o sr. João Barbosa ee Faria,—cinco votos, e o sr. Lamartine Mendes,—dois votos para segundo secretario, o sr. Ulyses Cuyabano,—um voto, e o sr. João Barbosa —um voto, tendo havido um voto em branco, para o mesmo cargo. Em seguida, foram eleitos: para a commissão de redacção, os srs. Cesario Prado, Leowigildo de Mello e João Barbosa, o primeiro por dezeseis, o segundo por quinze e o terceiro por doze votos; para a commissão de admissão de socios, os srs. Manoel Xavier Paes Barreto, Estevão de Mendonça e Palmyro Pimenta, o primeiro por dezesete, o segundo por dezeseis e o terceiro por quinze votos; para a commissão de orçamento, os srs. Franklin Cassiano da Silva, Octavio Cunha Cavalcanti e João Cunha, aquelle por dezeseis e estes por quinze votos cada um. Foram tambem votados: para a commissão de redacção, o sr. Philogonio de Paula Corrêa, 3 votos; os srs. Palmyro Pimenta, João Cunha e Estevão de Mendonça, dois votos cada um; e os srs. Antonio Fernandes de Souza, um voto; para a commissão da admissão de socios, os srs. Ulysses Cuyabano, Cesario da Silva Prado e Manoel Xavier Paes Barreto, o primeiro com treis, o segundo com dois e o terceiro com um voto; para a commissão de orçamento, o sr. Ulysses Cuyabano, treis votos, Antonio Fernades de Souza, dois votos, e os srs. Estevão de Mendonça, Philogonio de Paula Corrêa e José Raul Vilá, um voto cada um.

Serviram de escrutadores, nomeados pelo sr. presidente da mesa provisoria, os srs. Antonio Fernandes e Leowigildo de Mello.

Apurada a eleição, foram proclamados os eleitos.

O sr. desembargador José de Mesquita dirigiu palavras de congratulacões aos novos socios admittidos e empossados, os quaes, por seu turno responderam em phrases repassadas de commoção.

Pelo mesmo sr. presidente da mesa provisoria foi nomeada a commissão que se incumbirá de promover os festejos da installação official do Centro, a se realizarem no dia sete de Setembro do corrente anno. Ficou assim constituida: Philogonio Corrêa, Virgilio Corrêa Filho e Franklin Cassiano.

O sr. presidente agradeceu a sua eleição e deu por terminada a missão da mesa provisoria, agradecendo egualmente a boa vontade e intelligente cooperação dos socios durante o periodo da organisação do Centro.

Nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão.

(aa) *Francisco, Bispo de Prusiade, José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Philogonio de P. Corrêa, Anna Luiza da S. Prado, João Cunha, Cesario C. da S. Prado, Manoel Xavier P. Barreto, Augusto Cavalcanti de Mello, Octavio da Cunha Cavalcanti, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Palmyro Pimenta, José Magno da Silva Pereira, Franklin Cassiano da Silva, Antonio Fernandes de Souza, Ulysses Cuyabano, José Raul Vilá, João Barboza de Faria.*

ACTA

DA

SESSÃO SOLENNE DE INSTALLAÇÃO OFFICIAL

E

POSSE DA PRIMEIRA DIRECTORIA

DO

CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

Aos sete dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e vinte um, pelas vinte horas, reunidos no salão nobre do Palacio da Instrucção os socios: D. Francisco de Aquino Corrêa, Presidente de honra do Centro Mato-Grossense de Letras, Desembargadores José de Mesquita, Presidente da directoria provisoria e Augusto Cavalcanti de Mello, Doutores Virgilio Corrêa Filho, Manoel Xavier Paes Barreto, Palmyro Pimenta e Barbosa de Faria, João Cunha, Major Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Tenente-Coronel Antonio Fernandes de Souza, Professores, Cel. José Magno da Silva Pereira, Franklin Cassiano da Silva, Cesario Corrêa da Silva Prado, Ulysses Cuyabano, Josè Raul Vilá, Dr. Octavio Cunha Cavalcanti, professora Senhorinha Anna Luiza do Prado e Philogonio Corrêa, faltando com justas excusas, os socios Dr. Lamartine Mendes e advogados Estevão de Mendonça e Leowigildo de Mello, e por se acharem ausentes os socios Drs. Carlos Borralho, Oliveira Mello e Manoel Paes de Oliveira; presentes igualmente á solenidade altas autoridades, excellentissimas familias e cavalheiros, previamente convidados, occupou a presidencia da sessão o Exmo. e Revmo. Snr. D Francisco de Aquino Corrêa, Presidente do Estado e Presidente de Honra do Centro, tomando igualmente assento á mesa que dirigiu a sessão o Exmo. Snr. Dr. Henrique Florence, Secretario da Agricultura, o Exmo. Snr. Desembargador Josè de Mesquita, Presidente da mesa provisoria do Centro e o Dr. Barboza de Faria, Secretario da mesma mesa provisoria.

Aberta a sessão declarou o Sr. Presidente officialmente installado o "Centro Matto-Grossense de Letras" e empossados os socios eleitos para os diversos cargos da sua primeira directoria, que ficou assim constituida: Presidente Desembargador José de Mesquita; Vice-Presidente, Dr. Virgilio Corrêa Filho; 1.° Secretario Professor Philogonio Corrêa; 2.° Secretario, Dr. Lamartine Mendes e Thesoureira, Professora Senhorinha Anna Luiza do Prado.

Convidados os novos empossados presentes a occuparem os seus respectivos logares na meza o Sr. Secretario da Directoria Provisoria Dr. Barboza de Faria procedeu á leitura da acta da 6.ª sessão preparatoria do Centro, tendo em seguida, execução o programma organisado para a sessão magna inaugural, que é o seguiute: I—Hymno da Independencia—musica e córo. II—Posse da Directoria. III —"Centro Mato-grossense de Letras"—discurso inaugural pelo Presidente de honra Exmo. e Revmo. Snr. D. Aquino Corrêa, D. D. Bispo de Prusiade e Presidente do Estado. IV—Symphonia de Guarani (Carlos Gomes) piano a 4 mãos, pela Professora D. Maria Beatriz Mascarenhas e Senhorinha Alda de Oliveira. V—O pendulo e o coração—soneto de José de Mesquita (do C. M. de L.) pela Senhorinha Herminia Leite. VI—Delirio del cûore (Papine)—canto, piano e violino, pela Exma. Senhora Figueira de Mello, Professora D. Maria Beatriz Mascarenhas e Sr. Atahyde de Mattos. VII—A Tapera—poesia de Lamartine Mendes (do C. M. de L.) —pelo autor. VIII—Hymno a Mato-Grosso—musica e côro. IX—O leão captivo —soneto de Augusto Cavalcanti (do C. M. de L,) pela Senhorinha Dinah Ponce de Arruda. X—O livro da minha vida—A esperança—A morte. Sonetos de Octa-

vio Cunha (do C. M. de L.) pelo autor. XI—Tósca (Puccini) piano e violino, pela Senhorinha Alda de Oliveira e Sr. Atahyde de Mattos. XII—Ao cahir da tarde—poesia de Ulysses Cuiabano (do C. M. de L.) pela Senhorinha Vemira Pitaluga. XIII—A noite—poesia de Franklin Cassiano (do C. M. de L.) pela Senhorinha Maria Bastos. XIV—Si tu ni aimais—canto e piano, pela Senhorinha Alda de Oliveira e Professora Maria Beatriz Mascarenhas. XV—Independencia ou Morte! —poesia de D. Aquino Corrêa (do C. M. de L.), pela Senhorinha Santinha Florence. XVI—Hymno Nacional—musica e côro.

Ao expediente foi lido um telegramma do socio Dr. Paes de Oliveira, redigido nos seguintes termos: "Dr. Josè de Mesquita - Cuiabá—Muito penhorado agradeço brilhante Centro honrosa eleição; procurarei supprir desvalia minha intelligencia por uma sincera dedicação favor illustrado Gremio. Abraços cordiaes. (assignado) Manoel Paes.

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão.

José de Mesquita, Virgilio Corrêa Filho, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, Ulysses Cuyabano, Estevão de Mendonça, Cesario da Silva Prado, José Raul Vild, Manoel Paes de Oliveira Palmyro Pimenta.

Estatutos

ESTATUTOS

DO

CENTRO MATTO-GROSSENSE DE LETRAS

CAPITULO I

Do Centro e seus fins

Artigo 1.º — O Centro Mattogrossense de Letras, com séde na cidade de Cuiabá, tem por fim promover e incitar a cultura literaria no Estado de Matto-Grosso.

Art. 2.º — O Centro, além de outros meios que se lhe deparem, consentaneos á realisação de seus fins, deligenciará:

I — Activar o estudo da lingua vernacula pelo conhecimento dos bons autores e melhorar, quanto possivel, a cultura geral, intensificando a lucta contra o analphabetismo;

II — Desenvolver o estudo da literatura nacional, particularmente das suas manifestações em Matto-Grosso, realisando para esse fim conferencias publicas, na sua séde, as quaes versarão, de preferencia, sobre a vida e a obra dos intellectuaes mattogrossenses e sobre as tendencias da Arte no Estado.

III — Cultivar as bellas letras nas suas diversas expressões, propugnando pela educação artistica e literaria, quer mediante vulgarisação dos trabalhos já publicados, quer pela impressão de obras ineditas de reconhecido merecimento;

IV — Crear e manter na séde social, uma bibliotheca, especialmente constituida de obras literarias, que interessem a Matto-Grosso;

V — Entreter regular e assidua correspondencia com sociedades congeneres, para a permuta de publicações, de maneira que torne conhecido fóra do Estado o movimento intellectual em Matto-Grosso;

VI — Organisar festas artisticas e literarias, auxiliando todas as iniciativas deste genero que se revelem merecedoras de apoio;

VII — Estimular e amparar as tendencias regionalistas na literatura, pelo estudo dos costumes, expressões artisticas e variantes dialectos em Matto-Grosso;

VIII — Favorecer e propagar o estudo retrospectivo do folk-lore mattogrossense;

IX — Impulsionar a arte theatral no Estado, já em seu aspecto material — fundação de uma casa adequada ás diversões scenicas; já, e principalmente, no seu aspecto intellectual, despertando vocações de artista, autores ou actores.

X — Trabalhar em harmonia com outras associações similares, existentes ou que forem creadas no Estado.

XI — Instituir e manter o culto civico, iniciado pela organisação de uma galeria glorificadora de varões notaveis pelo saber e dedicação a Matto-Grosso ou vinculados á historia mattogrossense por quaesquer manifestações de actividade intellectual;

XII — Publicar, semestralmente, uma Revista de Letras e Artes, na qual serão editados, de preferencia, trabalhos originaes dos socios ou ineditos de escriptores mattogrossenses.

CAPITULO II

Da organisação

Art. 3.º — O Centro Mattogrossense de Letras compor-se-á de vinte e quatro socios effectivos e illimitado numero de socios correspondentes.

§ 1.º — Dois terços, no minimo, dos primeiros deverão ser mattogrossenses.

§ 2.º — O domicilio civil nesta capital, é condição indispensavel para a acquisição da qualidade de socio effectivo.

§ 3.º — Os outros poderão ser mattogrossenses ou não, e residir dentro ou fóra do Estado.

§ 4.º — Os socios effectivos que se afastarem temporariamente da capital, deverão notificar á Mesa o prazo da ausencia e a sua prorogação, quando necessaria.

§ 5.º — Os socios effectivos, não fundadores, que transferirem o seu domicilio e o communicarem á Mesa, serão incluidos na cathegoria de correspondentes.

Art. 4.º — As vagas que occorrerem no quadro dos socios effectivos serão preenchidas por eleição, em escrutinio secreto, depois de apresentada a candidatura pelo proprio interessado, ou por tres socios effectivos.

§ 1.º — Poderá realisar-se esta eleição, dentro de tres meses da occurrencia da vaga, somente quando houver pelo menos dous candidatos a preenchel-a.

§ 2.º — Processo identico será observado para a escolha dos socios correspondentes.

Art, 5.º — Os socios effectivos pagarão a joia de 20$000 e a contribuição mensal de 2$000; e os correspondentes, sómente uma joia de 30$000.

CAPITULO III

Da administração

Art. 6.º — A direcção do Centro competirá a uma Directoria eleita annualmente e composta de um Presidente, um Vice-Presidente, um primeiro e um segundo Secretarios e um Thesoureiro.

Art. 7.º — A eleição da Directoria effectuar-se-a no dia 15 de Agosto de cada anno, devendo os eleitos ser empossados a 7 de Setembro, em sessão solenne commemorativa do anniversario da fundação do Centro.

§ 1.º — A eleição será feita por escrutinio secreto, observados os seguintes preceitos:

a)—A sessão eleitoral deve constituir-se da maioria absoluta de socios effectivos, salvo o caso da 3.ª convocação, quando necessaria, e em que poderá deliberar com qualquer numero.

b) — Para cada cargo considerar-se-á eleito o candidato que obtiver maioria absoluta de votos.

§ 2.º — E' permittida a reeleição para qualquer dos cargos da Directoria.

Art. 8.º — A superintendencia dos negocios do Centro caberá ao Presidente.

§ Unico. — O Presidente será substituido, em seus impedimentos, pelo Vice-Presidente, e, na falta deste pelo 1.º Secretario.

Art. 9.º — O 1.º Secretario attenderá ao expediente e dirigirá os trabalhos da Secretaria.

§ Unico. — Em caso de impedimento, o 1.º Secretario será substituido pelo 2.º.

Art. 10.º — Caberá ao Thesoureiro a arrecadação, guarda e administração do patrimonio do Centro, devendo a applicação dos fundos sociaes ser feita de accordo com os demais membros da Mêsa.

Art. 11.º — A elaboração do orçamento do Centro, o exame das propostas para admissão de socios, e a redacção da Revista ficarão a cargo de tres Commissões especiaes compostas de tres membros, eleitos de conformidade com o art. 7.º.

Art. 12.º — Vago qualquer dos cargos da Mêsa ou das commissões, o Presidente provel-o-a submettendo o seu acto á approvação do Centro.

CAPITULO IV

Das sessões

Art. 13.º — As sessões ordinarias do Centro serão mensaes, e realizadas em dia préviamente annunciado pela imprensa.

§ Unico.—A Mêsa convocará sessões extraordinarias, quando julgar necessario, ou a repuerimento de pelo menos tres socios effectivos.

Art. 14.º—Salvo as excepções constantes destes Estatutos, as sessões do Centro serão feitas com qualquer numero de socios presentes.

Disposições geraes

Art. 15.º—Os socios têm direito a um exemplar de cada numero da Revista e á utilização da Bibliotheca.

Art. 16.º — A Bibliotheca do Centro será franqueada aos estudiosos, mediante apresentação feita ao encarregado da mesma por qualquer dos socios.

Art. 17.º—O Centro poderá acceitar e receber auxilios officiaes e particulares bem como assumir, de accôrdo com as suas possibilidades economicas, compromissos exigidos pelo desenvolvimento da cultura literaria no Estado.

Art. 18.º—A galeria a que se refere o art. 2.º n. XI, destes Estatutos, ficará constituida pelos seguintes nomes representativos: Amancio Pulcherio de França, Antonio Corrêa da Costa, Barão de Melgaço, Couto de Magalhães, Ernesto Camillo Barreto (Padre), Francisco Catharino, Frederico Prado, João Severiano da Fonseca, Joaquim Mendes Malheiros, Joaquim Murtinho, José Barbosa de Sá, José Delphino da Silva, José Estevão Corrêa, José Manoel de Siqueira (Padre), José do Silva Guimarães (Conego), José Thomaz de Almeida Serra, Luiz de Alencourt, Manoel Espiridião, Pimenta Bueno (F. A.), Ramiro de Carvalho, Ricardo Franco, Veiga Cabral, Vieira de Almeida e Visconde de Taunay.

Art. 19.º—Cada socio fará o elogio de um dos vultos da Galeria, e bem assim o necrologio do antecessor, para cuja vaga for eleito.

Art. 20.º—Extinguem-se os direitos de socios effectivos:

a) — pela morte;

b) — pela renuncia expressa;

c) — pela renuncia tacita, decorrente da ausencia não justificada por mais de dous annos.

Art. 21.º — Em caso de extincção do Centro, o seu patrimonio reverterá em beneficio da Santa Casa de Misericordia, e a sua Bibliotheca, á Bibliotheca Publica do Estado.

Art. 22.º — Os presentes Estatutos poderão ser reformados, no todo ou em parte, mediante proposta firmada pela maioria dos socios effectivos e approvada no minimo por dois terços dos mesmos.

Disposições transitorias

Art. 1.º — Para o preenchimento inicial dos 24 lugares de socios effectivos adoptar-se-á o criterio de proposta subscripta por tres ou mais socios, discutida e approvada pela maioria.

Art. 2.º — Completo o numero de socios effectivos e approvados estes Estatutos, eleger-se-á, na sessão immediata, a primeira Directoria, que tomará posse no dia da inauguração official do Centro.

Art. 3.º — Serão considerados fundadores os 12 socios signatarios da acta de fundação do Centro.

Sala das Sessões do "Centro Mattogrossense de Letras" em Cuiabá, 7 de Agosto de 1921.

José de Mesquita
Lamartine Mendes
J. Barboza de Faria
Virgilio Corrêa Filho
Cesario Prado.
L. Martins de Mello.

Ulysses Cuyabano.
Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa.
Palmyro Pimenta
Philogonio de P. Corrêa.
João Cunha.
Octavio Cunha.
Franklin C. da Silva.
Antonio Fernandes de Souza.
Estevão de Mendonça.
José Raul Vilá.
Manuel Xavier P. Barreto.
José M. da S. Pereira.

Bibliographia

MONTEIRO LOBATO.— *A Onda Verde* (Jornalismo) — Edição da Reista do Brasil — 1921.

A Onda Verde é o titulo do volume em que o emerito publicista Monteiro Lobato o consagrado autor dos "Urupes" enfeixou alguns dos variados artigo com que sóe abrilhantar as columnas de diversos orgãos da imprensa do Rio e da Paulicéa.

Escripto naquelle estylo leve, agradavel, encantador que tão bem caracterisa o victorioso escriptor Monteiro Lobato, " A Onda Verde " vem mais uma vez confirmar as suas qualidades de artista, a inspiração facil de par com a phrase fluente, a *souplesse* do estylo só igual aos surtos imaginativos, a riqueza verbal emparelhando-se com o fulgor das imagens, faculdades inventivas e creadoras a transparecerem entre o fulgor sempre novo dos periodos rythmicos.

Colligindo em volume essas producções esparsas de uma collaboração jornalistica, Monteiro Lobato em nada desmerece do creador dos "Urupés", do vigoroso evocador de "Cidades Mortas" do critico forte e ao mesmo tempo delicado das "Idéas de Jeca Tatú", antes, se pode dizer que esta obra vem revelar, sob um novo prisma, o mesmo talento polymorphico e scintillante que, com traços indeleveis em que se casam a arte mais bella e a ironia mais subtil, deixou na nossa litteraturas os perfis immorredouros de Bocca Torta, Pernambi, Biriba, o Engraçado arrependido, e tantas outras inesqueciveis creações.

"A Onda Verde", o primeiro escripto e que dá o titulo á obra é "o mar de cafeeiros em linha" o polvo que, na phrase do escriptor paulista "Já comeu as zonas uberrimas de Ribeirão Preto, Jahú, S. Miguel, Araraquara, os pedaços de ouro de S. Paulo, e agora afunda os dentes na carne virgem, tressuante de seiva, do Paraná e de Matto-Grosso".

Esboça-se, nessa concepção formosa da expansão da industria do café, em largas pinceladas, o quadro amplo, soberbo, apocalyptico da substituição da floresta virgem e primitiva pelas terras arroteadas, feracissimas, onde a rubiacea preciosa estadêa nos seus milhões de pés de um verde escuro e brilhante, óra vestidos da floração alvissima, óra cobertos das innumeraveis bagas vermelhas.

Como essa, muitas outras paginas bellissimas contém o novo livro de Monteiro Lobato, sobrelevando notar, como estudos valiosos «Dialecto caipira» e «O Diccionario Brasileiro» nos quaes se discute, com proficiencia e enthusiasmo, a lingua nova, o idioma brasileiro, neto do Latim, prestes a differençar-se da Lingua Portugueza pelo mesmo processo evolutivo e de adaptação, que fez o luso derivar-se da velha fonte latina.

Não menos interessantes, como estudos sociologicos são «O Direito de Secessão», «O grande problema» e «A grande idéa»—aquelle analysando, com argumentos irrefragaveis, a situação precaria de unidades federativas deslocadas pelo seu vertiginoso progresso no seio de um todo que não acompanha ou não corresponde á sua evolução prodigiosa; os outros dois encarando o problema da cultura intellectual e da extincção do analphabetismo, trázendo a estes debatidos assumptos novos e brilhantes fundamentos exarados em encantador estylo.

A feição critica ou antes humoristica de Lobato, transparece ainda nas estupenda *charges* vivas que são, por exemplo, «O incomprehendido», «Gaffe da Justiça», «Condes», «Homo Sapiens» e outras paginas deliciosas de *verve*, profundas de ironia.

Com ser uma collecção de escriptos de imprensa, feitos sob diversas inspirações e obedecendo ás varias impressões de momento, nem por isso deixa esta obra de ter aquella unidade de acção oriunda da forma original e do prisma atravez do qual os factos e pessôas são encarados pelo jornalista-mestre, seguro nas apreciações, inflexivel nas criticas, *vendo* e analysando as cousas atravez da sua orientação superior de erudito e de artista.

A certos respeitos força é dizer que o jornal leva vantagem e grande sobre o livro: o jornal—ou o artigo de jornal—é o documento humano, sincero, vivido e, por isso mesmo, ás vezes, contradictorio. O livro é uma attitude forçada, muitas vezes o desenvolvimento de uma these preconcebida e falsa. Em geral, o auctor que collige trabalhos, os altera, modificando-os. Ainda assim, eu sou um apologista destas collectaneas, que, pela expontaneidade, momentaneidade, variedade de theses e sinceridade de analyse, contêm muito mais vida, calor, naturalidade do que os livros de pura Arte.

Quando, entretanto, como no caso em questão, ás qualidades brilhantes do homem de imprensa, se casam as do artista consumado, a obra se póde dizer perfeita e acabada.

E' o caso da «A Onda Verde» de Monteiro Lobato. E' um livro que se lê de um fôlego, com o raro prazer intellectual que nos proporcionam, nestes aridos tempos mercantilisados as bellas e superiores concepções do pensamento humano.

J. de M.

O Mestre de Campo—AFFONSO ARINOS—Livraria Francisco Alves.

Posto que impresso em 1918, não conheciamos "O Mestre de Campo" com que postumamente se avolumou a bagagem literaria legada por Affonso Arinos.

Inacabado, ou, talvez, desfalcado dos ultimos capitulos, por ventura perdidos, o romance não empolga pelo enredo, que é dos mais simples.

Um dos remanescentes da nobre casa dos Tavoras, D. Pedro Mascarenhas, consiguindo escapar á sanha vingadora de Pombal, interna-se, incognito, pelos sertões de Minas, protegido por D. Carlos de Mendonça, outro fidalgo da mesma linhagem, que a perseguição do implacavel Marquez transformou no virtuoso Frei Lourenço.

Guiado por este seu parente mais velho, cuja piedade o fizera conhecido e idolatrado pelo povo, D. Carlos procura o districto de Villa Nova da Rainha, de cujo maioral grangeou, em breve praso, a amizade e confiança.

Simples trabalhador, a principio, logo depois secretario particular, é por fim o superintendente das lavras do opulento mulato Barbosa, onde persistia a antiga abastança, em meio da decadencia em que se abysmava a lendaria grandeza do Districto.

Dirigindo-lhes a exploração, D. Carlos era o *fac-totum* do venturoso mineiro, cuja prosperidade se empenhava em manter, agradecido ao acolhimento que tivera.

Vivia feliz, sob a mascara e nome de simples plebeu, que adoptou por melhor fugir ao inimigo de sua familia, a cujo odio se julgava escapo.

A policia de Pombal, porem, afuroando os sertões, descobriu-lhe o ardil, e e esconderijo· Dahi. se causou a diligencia policial, confiada a escolhido destacamento dos Dragões Reaes, e que vae da primeira á ultima pagina do livro, sem lhe dar nenhum desfecho logico.

Compensando, porem, a carencia de drama romanesco, avultam-lhe, empolgantes pelo colorido e movimento, os pequenos quadro e scenas a que dá lugar.

Nessas miniaturas, o talento descript - vo de Arinos espelha-se em plena exhuberancis, debuxando a lida afanosa nas lavras, exploradas pele escravaria; o banque offerecido ao Alferes Gonçalo; o despertar do sargento Peres no sitio afamado, onde cuida logo de entrar na intimidade dos pormenores da vida rural, para melhor desempenhar a missão a que fôra e tanto outras, dignas da penna que traçou o "Burity Perdido", pagina mimosa de antologia.

Os costumes e habitos daquella gente que Arinos conhecia como poucos, proporcionou-lhe motivos para bellas evocações, que nos familiarisam com a vida mineira em meiado do seculo XVIII.

Para lhe evidenciar a predilecção pelos lances dramaticos registrados nas chronicas desse periodo curioso o "Mestre do Campo" bem poderá emparceirar-se com o "Contractador de Diamantes".

Naquelle, o escriptor ainda tacteia a maneira que mais lhe convenha á exhibição das ideias e sentimentos; neste, apurado o estylo, e escolhido o assumpto adequado, o poder evocativo de Arinos sublimou, em paginas vibrantes de dramatividade·

Ambos, porem, dimanavam do mesmo extremoso carinho pelas cousas sertanejas, actuaes ou remotas, a que tanto se dedicou o formoso espirito de Affonso Arinos, laureado mestre do sertanismo literario.

V. C. F.

A Sabedoria dos Instinctos- PONTES DE MIRANDA — Editor J. Ribeiro dos Santos - Rio de Janeiro — 1921.

Livro unico na literatura nacional, senão nas letras portuguezas, feito á maneira do Thesouro dos Humildes—de Maeterlink, ou do Jardim de Epicuro—de Anatole France.

Torna-se perluxo qualquer elogio a seu respeito, bastando dizer-se que escripto ha uma seis ou sete annos, o autor só ha pouco resolveu tiral-o da admiração dos seus amigos para o dar á do publico, merecendo a laurea da Academia Brasileira.

Quem o lêr capacita-se—alem da intellectualidade de escol de Pontes Miranda, de mais duas cousas: da sinceridade admirativa dos seus amigos-mestres como Machado de Assis e José Verissimo, a cuja memoria é dedicado, e da justiça da Academia em conferir-lhe o primeiro premio.

Philosopho do romance foi Machado de Assis como nenhum outro nas letras patrias, dessa philosophia amiga dos homens, um pouco sceptica, raras vezes amarga, mas sempre indulgente, nunca venenosa e má. As joias dessa philosophia têm entretanto de ser catadas atravez de paginas e paginas da sua obra, o que não pode agradar a todos os espiritos, principalmente aos aversos ao genero da ficção. E' para estes que Antole escreveu o Jardim do Epicuro. Encontram as perolas da philosophia, sem os personagens dos romances, em livros como os citados de Materlinck e este de Pontes de Miranda. De Machado formase-ia igual livro com a selecção de todos os pensamentos esparsos em seus romances.

Na Sabedoria dos Instinctos não ha como fazer selecção sobre o que deleita e o que nos allumia a intelligencia em todas as partes do livro: Dionysos coeterno-Aphorismos esparsos—Palavras sempre sinceras—Amor das vozes esquivas—Epilogos.

Ainda mais: com estylo claro que vem pôr pá de cal no gongorismo das nossas letras, da indagação da Verdade, de um problema de philosophia, religião ou moral, com certa amenidade o autor sabe passar para o dominio das preocupações triviaes. Citemos para amostra alguns pensamentos:

"E' temerario negar a Deus. Problema fundamental, continua insoluvel. E' o *Leit-motiv* da vontade de pensar e a razão co-eterna para as maximas elevações e as mais grandiosas conquistas da Arte e da Idêa. Inatingivel a solução, mas determinadora de ascenção constante do nivel de espiritual, e portanto, *vista de dentro de nós*, activa e real".

"Todas as vezes que vou espairecer nas selvas, volto com a alma limpa, mas a roupa cheia de espinhos. Em casa, mais tarde, tenho de a limpar. Assim não acontece quando vou a certos salões: as roupas vem intactas, mas é preciso depois que me limpe o espirito".

"O amor prohibido ou contrariado é como os chrysantemos: o unico botão que ficar crescerá por si e pelos outros."

Livro para o escol intellectual, á pergunta que o auctor faz no prefacio, sobre si deveria e merecia ser publicado, respondeu a Academia, dando-lhe o primeiro premio, certa de que elle tem logar de excepcional destaque no nosso mundo literario.

C. P.

Centro Mattogrossense de Letras

N.º	PATRONOS	SOCIOS
1	Amancio Pulcherio	*José Raul Vilá*
2	Antonio Corrêa da Costa	*Virgilio Corrêa Filho*
3	Barão de Melgaço	*Estevão de Mendonça*
4	Couto de Magalhães	*José de Mesquita*
5	Ernesto Camillo Barreto (Padre)	*Leowigildo Martins de Mello*
6	Francisco Catharino	*Anna Luiza Prado*
7	Frederico Prado	*João Cunha*
8	João Severiano da Fonseca	*Carlos Borralho*
9	Joaquim Mendes Malheiros	*Augusto Cavalcanti*
10	Joaquim Murtinho	*Joaquim Gaudie de A. Corrêa*
11	José Barbosa de Sá	*Manoel Paes de Oliveira*
12	José Delfiino da Silva	*Lamartine Ferreira Mendes*
13	José Estevão Corrêa	*Philogonio de P. Corrêa*
14	José Manoel de Siqueira (Padre)	*D. Aquino Corrêa*
15	José do Silva Guimarães (Conego)	*Manuel X P. Barreto*
16	José Thomaz de Almeida Serra	*Ulysses Cuyabano*
17	Luiz de Alencourt	*Antonio Fernandes de Souza*
18	Manoel Espiridião	*Octavio Cunha*
19	Pimenta Bueno (F. A.)	*José M. da S. Pereira*
20	Ramiro de Carvalho	*Franklin C. da Silva*
21	Ricardo Franco	*Miguel Mello*
22	Veiga Cabral	*Palmyro Pimenta*
23	Vieira de Almeida	*Cesario Prado*
24	Visconde de Taunay	*João Barboza de Faria*

REVISTA DO CENTRO

MATTOGROSSENSE DE LETRAS